

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

MATEUS FELIPE DOS SANTOS

**PESSOAS DA COMUNIDADE LGBT+  
E SUAS VIVÊNCIAS EM IGREJAS EVANGÉLICAS**

Produto Jornalístico

Mariana  
2022

MATEUS FELIPE DOS SANTOS

**PESSOAS DA COMUNIDADE LGBT+  
E SUAS VIVÊNCIAS EM IGREJAS EVANGÉLICAS**

Pesquisa apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Evandro José Medeiros Laia

Mariana  
2022

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S237p Santos, Mateus Felipe Dos.  
Pessoas da Comunidade LGBT+ e suas Vivências em igrejas  
evangélicas. [manuscrito] / Mateus Felipe Dos Santos. - 2023.  
50 f.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Medeiros.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Cristianismo. 2. Minorias sexuais. 3. Igrejas pentecostais. 4.  
Filosofia e religião. 5. Homossexuais cristãos. I. Medeiros, Evandro. II.  
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 613.88

Bibliotecário(a) Responsável: Palavras-chave alteradas de acordo com termos  
padronizados e autorizados do Catálogo de Assuntos da Biblioteca Nacional do RJ.  
Palavras do título serão recuperadas na busca.



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Mateus Felipe dos Santos**

### **Pessoas da comunidade LGBT+ e suas vivências em igrejas evangélicas**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 28 de março de 2023

#### Membros da banca

Dr. Evandro José Medeiros Laia - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dr. Carlos Fernando Jáuregui Pinto - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Evandro José Medeiros Laia, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 08/05/2023



Documento assinado eletronicamente por **Evandro Jose Medeiros Laia, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/05/2023, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0520916** e o código CRC **F418036E**.

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é uma realização, não só minha, mas de várias pessoas que estiveram comigo desde o início, chegaram no meio e tem me ajudado nesse fim.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Evandro Medeiros, que aceitou esse trabalho e permaneceu com toda paciência do mundo para que esse trabalho pudesse ser feito da melhor maneira possível. Seu encorajamento, seus auxílios, o aceitar da mudança desse produto no meio do processo. Evandro, você foi perfeito!

Agradeço, grandiosamente meus entrevistados e amigos, Larissa Silva, minha melhor amiga, que acreditou em mim antes mesmo de ser aprovado na UFOP. Jessica Diniz, que tem transformado para melhor a minha vida diariamente. Felipe Santos, que chegou e fez uma grande diferença na minha república. Victor Rangel, que me trata como um irmão mais novo, um amigo fofo e amado. Ao Caio que aceitou fazer parte deste trabalho e que quero na minha vida até ser o Pastor Caio. Por fim, ao Wesley, que aceitou fazer parte disso também, acreditando até mais que eu, o quanto esse trabalho será transformador na vida de muitos.

Queria agradecer de todo meu coração a todos que me ajudaram a permanecer até o fim. A minha família, meus amigos Camila, Wagner, Larissa, Isaque, Rayara, ao meu grupo de WhatsApp “Gorditas”, composto pelos amigos por Leiriane, Pâmela, Jonathan, Mariana, Emanuel e Lucas. Obrigado por toda paciência e por ficarem até o final.

Agradecimentos mais que especiais à minha mãe, Luciana Biondini, ao meu pai, Silvio Mendes, ao meu padrasto, Eglamar Biondini, a minha madrastra, Jandira Bezerra e aos meus irmãos, Ana Luiza, Paola Mendes e Peron Mendes. À vocês, meu tudo.

E também a Universidade Federal de Ouro Preto que me recebeu e acolheu do início ao fim. Você mudou a minha vida.

## RESUMO

O texto tem como objetivo apresentar o trabalho “Pessoas da Comunidade LGBTQ+ e Suas Vivências em Igrejas Cristãs”, resultado do Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade produto e que teve como objeto a produção do radiodocumentário em formato podcast “Se Deus é por nós, Porque Vocês São Contra Nós?”, que trata da vivência de pessoas da comunidade LGBTQ+ que passaram pela igreja cristã. De início, o texto traz uma explicação teórica sobre o que é viver na pele sobre ser LGBTQ+ e estar no cristianismo. Logo após, o texto vai falar sobre a escolha do produto jornalístico e a chegada do radiodocumentário dentro deste formato podcast. Esse trabalho tem o objetivo de falar sobre o preconceito da igreja em relação a comunidade LGBTQ+, fazendo com que várias pessoas deixem as práticas religiosas. Por outro lado, busco trazer relatos de pessoas que decidiram permanecer, mesmo diante deste preconceito.

**Palavras-chave:** Comunidade LGBTQ+; Igreja; Cristianismo; Vivência cristã; LGBTQ+ Cristão; Saudade; Fé

## ABSTRACT

The article aims to present the work “People from the LGBTQ+ Community and Their Experiences in the Christian Church”, the result of the Course Completion Work in the product modality and which had as its object the production of the podcast “If God is for us, Because You Are Against Us?”, which deals with the experience of people from the LGBTQ+ community who have passed through the Christian church. Initially, the text provides a theoretical explanation of what it is like to live in the skin about being LGBTQ+ and being in Christianity. Soon after, the text will talk about the choice of journalistic product and the arrival of the radio documentary within this podcast format. This work aims to talk about the church's prejudice against the LGBTQ+ community, causing many people to leave religious practices. On the other hand, I seek to bring reports of people who decided to stay, even in the face of this prejudice.

**Keywords:** LGBTQ+ community; Church; Christianity; Christian living; LGBTQ+ Christian; Longing; Faith

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	06
2 VIVENDO NA PELE.....	08
2.1 Política dos “anormais”.....	11
2.2 Cristianismo e homossexualidade.....	14
2.3 Igrejas renovadas .....	18
3 RADIODOCUMENTÁRIO E PODCASTING.....	21
3.1 Formatos radiofônicos.....	22
3.2 O podcast .....	25
3.3 Radiodocumentário em podcast.....	26
3.4 A escolha do podcast.....	28
4 O PRODUTO.....	31
4.1 Sinopse.....	31
4.2 Episódio.....	31
4.3 Fontes.....	32
4.4 Roteiro .....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
REFERÊNCIAS .....	47

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca investigar os motivos pelos quais pessoas da comunidade LGBT+ frequentam igrejas cristãs e permanecem com sua fé e no amor a Deus, mesmo diante dos preconceitos e da discriminação impostas pelas interpretações bíblicas realizadas através do tradicionalismo cristão. Ele também vai falar da vivência daqueles que já tiveram experiências cristãs e os motivos pelos quais preferem não frequentar atualmente.

Crescendo nesse ambiente, percebia algumas pregações ou exemplos citados em reuniões/cultos, que a comunidade LGBT+ não era muito bem aceita dentro desse espaço religioso. Enquanto isso, uma luta interna entre minhas vontades e a ética cristã crescia dentro de mim, visto que constantemente era imposto o estar de acordo com o tradicionalismo cristão, baseando-se na Bíblia, até então rigorosa em alguns aspectos, o que não me representava e não representa. Nisso, a dúvida entre viver o que realmente sentia ou me esconder para permanecer aceitável na visão de amigos, familiares e principalmente dentro da igreja, era algo que deixou de ser suportável.

Por causa da igreja, só consegui me assumir e me aceitar de fato após os 19 anos de idade. Devido às pregações, sempre achei errado estar dentro de uma congregação, com os desejos internos que lutavam dentro de mim. Ao expor publicamente minha verdadeira identidade, gostos e vivências, muitos se afastaram, e com isso, automaticamente tive que me afastar da igreja também. E essa história é mais comum do que podemos imaginar.

Mesmo diante do afastamento da igreja, não me permitia viver sem orações, canções ou qualquer outra coisa que possibilitasse essa aproximação a Deus. Sinceramente, nunca me senti rejeitado por Ele, diferente do que a própria igreja fez e esse também é um tema que iremos trabalhar neste projeto.

Na própria Bíblia, podemos encontrar, através da passagem de Jesus como ser humano na Terra, a demonstração de um Deus cheio de amor, que não condena, não faz acepção de pessoas, nem mesmo rejeito àqueles que, conforme a bíblia diz, Ele mesmo criou. Entretanto, atualmente muitos pregadores ou até mesmo àqueles que se auto nomeiam “agentes de fé”, transformaram Deus em algo que deve ser temido, incapaz de amar muitas pessoas, inclusive a comunidade LGBT+.

No trabalho, desejo mostrar a realidade desse público e o que ele enfrenta para permanecer em sua fé, nas reuniões realizadas pelas igrejas inclusivas e acolhedoras,



levantadas justamente para esse público, dando liberdade de quem os segue, não se sentindo julgados e sim, aceitos neste local majoritariamente tradicional.

A sigla LGBTQIAPN+<sup>1</sup> carrega grandes significados de representatividades, diferentes tipos de luta e modos de vivência abrangentes de acordo com o que cada sigla aborda. Entretanto, neste trabalho, decidi utilizar em todo o memorial, a sigla LGBT+, o que não exclui as outras letras e seus significados.

Dito isso, trago os conceitos dos chamados “anormais”, de acordo com Paul Preciado (2011), no ensaio “Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’” e como os conceitos queers têm se erguido diariamente. Os que antes eram chamados de “minorias”, hoje a comunidade é representada em vários lugares de destaque como novelas, filmes, séries, músicas, propagandas, entre outros. Ainda nesse trecho, apresento as conjunções entre cristianismo e homossexualidade, através do capítulo “Cristianismo e Homossexualidade”, em “Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades”, escrito por Regina Soares Jurkewicz (2017). Como é possível eles se entrelaçam sem que seja necessário criar uma barreira entre esses dois mundos. E por fim, uma demonstração de igrejas inclusivas e acolhedoras, onde pessoas da comunidade se sentem aceitas e possam de fato exercer a sua fé cristã, sem se sentirem “anormais” em um ambiente tão contaminado pelas regras impostas por quem os lidera.

Para complementar o trabalho, utilizo o produto no formato podcast, onde escuto relatos de LGBTs que frequentaram ou frequentam igrejas evangélicas e suas vivências nesses espaços. Anteriormente, tive o desejo de criar um documentário, mas diante do tempo corrido e as dificuldades que encontrei no caminho, optei por algo mais acessível para produção, edição e conclusão. O podcast “Se Deus é por nós, por que vocês são contra nós?” vai mostrar através da linguagem sonora, muito mais do que planejei apresentar. Afinal, esse trabalho é sobre a minha vida, relatada através das histórias de outras pessoas.

---

<sup>1</sup> Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pan/Polissexuais, Não-binárias e mais.

## 2 VIVENDO NA PELE

A homossexualidade, principalmente após a década de 90, sempre foi vista como algo “ruim” na sociedade brasileira como um todo. Isso pode ser visto através do vídeo repostado nas redes sociais da página chamada Quebrando Tabu<sup>2</sup>, maior canal de mídia no Facebook do Brasil e marca multiplataforma especializada em Direitos Humanos, que exhibe parte do documentário “Temporada de Caça”, lançado em 1988, produzido pela cineasta e jornalista brasileira Rita Moreira. O trabalho mostra a reação das pessoas ao serem questionadas sobre a opinião delas em relação aos assassinatos de homossexuais que estavam acontecendo nos anos 80, na cidade de São Paulo. Respostas como *“tem que assassinar mesmo”*, *“o homem nasceu pra ser homem”*, *“eu tenho muito contra eles (homossexuais)”* e *“eu acho que não deveriam existir”*, eram ditas em tons sérios ou com sorrisos no rosto por existir alguém na época que estava “diminuindo” a quantidade de homossexuais na cidade.

Depois três anos após a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF)<sup>3</sup>, determinando no dia 13 de junho de 2019 a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero como crime; palavras de ofensas, olhares maldosos e o “incômodo” causado pela comunidade LGBTQ+ em certos locais e/ou eventos, como no futebol, por exemplo, ainda são perceptíveis.

Vivemos em um país que mais mata homossexuais no mundo. Uma pesquisa realizada pela ILGA (Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais), em 14 de setembro de 2021 mostra que o Brasil está em primeiro lugar da América Latina e também em quarto lugar mundo em quantidade de homicídios de pessoas LGBTQs. O relatório ainda aponta que 224 homicídios (94,5%) e 13 suicídios (5,5%) de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais foram registrados durante o ano. De acordo com o relatório, isso se dá pela grande intolerância que nos é instigada desde a adolescência/juventude através de piadas, xingamentos, apelidos e a falta de aceitação e acolhimento, principalmente pela falta de orientação dos “mais velhos” em relação ao que se deve fazer e o que não deve ser feito contra a comunidade LGBTQ+, que hoje em dia, se

---

<sup>2</sup> Maior canal de mídia no Facebook do Brasil e marca de mídia multiplataforma especializada em Direitos Humanos. Link: <https://www.facebook.com/watch/?v=308710306395582>

<sup>3</sup> O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu no dia 13 de junho de 2019, criminalizar a homofobia como forma de racismo. A Corte determinou que casos de agressões contra o público LGBTQ sejam enquadrados como o crime de racismo conforme a Lei 7.716/1989, até que uma norma específica seja aprovada pelo Congresso Nacional. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm)

mostra presente em todos os lugares, seja no trabalho, nas escolas, nas ruas, entre outros locais.

Mesmo após 30 anos, ainda que a comunidade LGBTQ+ tenha tomado seu espaço e levantado, cada grupo, a sua bandeira, a homofobia ainda se faz presente. O medo de andar de mãos dadas, de se vestir de acordo com o que cada indivíduo deseja, de ser rejeitado pelos amigos, família, de sair de casa e ser espancado por apenas ser o que a pessoa quer ser, ainda é real e infelizmente está longe de acabar. Matérias de jornais, noticiários das emissoras de televisão e nas rádios nos mostram isso diariamente. Dentre as notícias mais recentes sobre homofobia, diante da produção desse memorial, sem contar aquelas que são invisibilizadas pela mídia, temos a do pastor José Olímpio da Silva Filho, que foi condenado, pela 14ª Vara Criminal da Capital de Alagoas, pelo crime de homofobia praticado contra o ator e humorista Paulo Gustavo que, enquanto estava internado em abril de 2021, pouco antes do seu falecimento por Covid-19, orou pela morte do artista por causa da sua orientação sexual.

A homofobia, existente em nossa sociedade que carrega seus traços tradicionais, infelizmente ainda é vivida diariamente por muitos. Até mesmo dentro da comunidade LGBTQ, esses termos também são dialogados, visto que a palavra “homofobia”, para algumas pessoas, é direcionada somente para homens gays. Esse tipo de discursão gerados nas redes sociais, fóruns, até mesmo comentários em portais de jornais digitais, se dão por erros (ou dúvidas) de como tratar o outro (ou a outra) e como direcionar a palavra para o outro (ou a outra), que muitos heterossexuais e também alguns homens cisgênero gays (homens que se identificam com seu gênero de nascimento) cometem pela falta de informação para usar os termos ou pronomes corretos.

Como exemplo disso, recentemente, no reality show Big Brother Brasil, da TV Globo, a travesti Lina Pereira dos Santos, cantora, atriz e compositora, mais conhecida como Linn da Quebrada, precisou reforçar para os outros participantes como gostaria de ser tratada, visto que alguns estavam a tratando nos pronomes masculinos. Isso porque Lina tem uma tatuagem escrito “*ELA*” em sua testa (Figura 1). Em um de seus discursos, o apresentador Tadeu Schmidt deu à participante um espaço para declarar como deve ser tratada. Após explicar os motivos pelos quais tatuou “*ELA*” na testa, Lina comentou: “Ficou na dúvida? Lê, que aí vocês lembram que eu quero ser tratada nos pronomes femininos”. (PEREIRA, 2022)

Figura 1: Linna Pereira com tatuagem “ELA” no rosto



Fonte: Twitter @linndaquebrada, 2022

Infelizmente esses erros não são cometidos somente por heterossexuais, mas também por homem gays cis, que fazem parte da grande maioria dentro da comunidade LGBT. Bissexuais, lésbicas, transsexuais e travestis<sup>4</sup>, constantemente abordam essas questões, visto que homens gays não dão a devida importância e não levantam a bandeira da comunidade como um todo, em assuntos relacionados a outras orientações ou gêneros.

A gordofobia, racismo, bifobia, transfobia, lesbofobia, entre outros tipos de discriminação, são constantemente discutidos nas redes sociais, visto que a própria

<sup>4</sup> Bissexuais: Pessoas que se atraem tanto por pessoas do mesmo gênero quanto do gênero diferente.

Lésbicas: Mulheres que se atraem por outras mulheres.

Transsexuais: Pessoas cuja identidade de gênero é diferente daquela que nasceu.

Travesti: Não há uma definição única e exata para o conceito de travesti, antes delimitado por pessoas que performaram um gênero diferente do designado ao nascer, mas que não faziam intervenções cirúrgicas que caracterizam oficialmente a transexualidade. (THINKOLGA, 2020)

comunidade exclui os seus e “abriga” ou se envolve sentimentalmente somente com aqueles que parecem consigo mesmo ou não faz parte de pelo menos um dos grupos citados.

Em questões homoafetivas isso é muito mais problematizado. A falta de interesse em “corpos diferentes” é bem explícita dentro da comunidade gay e uma problemática longe de ser solucionada. O racismo, a gordofobia e a transfobia, que são um dos assuntos mais comentados, chegam a resultar em doenças como depressão, problemas psicológicos e até mesmo levando outros e outras a morte, justamente por essa exclusão que acontece, não somente dentro de casa, mas também em por pessoas LGBTs, principalmente por brancos cisgêneros, mais conhecidos como “padrões”.

Vivemos com a tentativa de sermos aceitos na nossa “anormalidade” e muitos, na constante tentativa de permanecer existindo. Nenhum homem ou mulher cis vai saber o que acontece no dia-a-dia de um/uma transsexual ou travesti. Da mesma forma, nenhum gay, lésbica ou bissexual branco, vai saber o que um LGBT negro (a) passa no seu dia-a-dia.

Ainda que sejamos diferentes, a nossa “anormalidade” diante de uma sociedade tradicional é vista com o mesmo olhar de preconceito e somente toda a comunidade LGBT+, como um grande grupo, pode reverter isso.

## 2.1 Política dos “anormais”

Paul Preciado<sup>5</sup> (2011), no ensaio “Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’”, desenvolve o conceito de anormais para tratar a presença massiva do queer. O escritor traz isso em seu texto quando diz:

O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica tornase não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer*. (PRECIADO, 2011, p. 14)

Os “anormais”, que antes se escondiam por serem vistos como algo ruim na sociedade, estão cada vez mais presentes em lugares de visibilidade como programas de TV, propagandas, *outdoors*, transformando o que era invisibilizado por representatividade. O que antes era rejeitado pela “identidade dominante (héteros)”, como diz Paul Preciado, têm sido aceito, visto que as minorias formadas pela comunidade LGBT+ têm crescido cada vez mais.

<sup>5</sup> Paul B. Preciado, nascido em Burgos, na Espanha, um filósofo e escritor feminista transgênero e possui várias obras sobre filosofia de gênero, teoria queer, arquitetura, identidade e pornografia. Antes, conforme o ensaio, se identificava como Beatriz Preciado, mulher cisgênero lésbica. Em 2014, Paul iniciou sua transição.

Há mais ou menos 10 anos atrás (2012), dificilmente percebíamos a presença de gays, lésbicas, transexuais, travestis e outros em trabalhos regulares e nas escolas. Termos como “sair do armário” e palavras como “bicha”, “viadinho”, “maria homem”, entre outros, eram usados para afetar alguém que aparentemente era mais *afeminado* ou fora do “comum” naquela época, visto que muitos se escondiam para não sofrerem *bullying* nas escolas ou represálias dentro de casa ou em grupos de amigos. Pelo uso do termo “homossexualismo”<sup>6</sup> naquela época, ser LGBT automaticamente era relacionado a doença<sup>7</sup>. Quem se assumia ou deixava evidente a sua orientação, no senso comum era vinculado a doenças como IST’s (Infecções Sexualmente Transmissíveis) ou à prostituição.

Antes mesmo do nosso nascimento, nos é imposto um único e possível gênero. Nos exames pré-natais, em um dos procedimentos realizados pelas grávidas (e um dos mais esperados), médicos e/ou enfermeiros deixam claro se a criança em formação é menino ou menina. Com isso, dependendo da resposta, se for menino, por exemplo, as mães começam a planejar a vida do seu filho rodeado de roupas, brinquedos e decorações para o quarto da criança com as cores azuis. Se for menina, todo planejamento está envolvido nas cores rosa, roxo, tudo precisa ter flores, a menina precisa ter várias bonecas, entre outros. Tudo que está além do ser “masculino” ou “feminino”, se torna algo esquecido, já que pais e/ou responsáveis, comandam a criação dos seus filhos, levando-os ao que consideram o natural da vivência do ser humano. Ser homem ou mulher.

A isso, Paul Preciado dá o nome de sexopolítica, que é naturalizada no mundo, visto que a forma como os seres são criados, não permite que outras possibilidades de identidade sejam exploradas:

A sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados "sexuais", as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida. (PRECIADO, 2011, p.11)

Com isso, somos dominados desde a infância para conviver dentro de uma normatização que começa a ferir o nosso interior e faz com que vivamos em corpos que não são totalmente nossos, mas corpos formados por aquilo que nossos pais e o mundo à nossa

---

<sup>6</sup> Uso inadequação e preconceituosa para se referir ao LGBT, visto que o sufixo “ismo” pode conotar doença, distúrbio, anormalidade.

<sup>7</sup> Em 17 de maio de 1990, a 43ª Assembleia Mundial da Saúde adotou, por meio da sua resolução WHA43.24, a 10ª Revisão da Lista da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), sendo que nesta versão da CID “a homossexualidade *per se* não está mais incluída como categoria” (OMS). A nova classificação entrou em vigor entre os países-membro das Nações Unidas a partir de 1º de janeiro de 1993.

volta criam sobre nós, tirando a devida liberdade que nos é invisibilizada, criando em nós até mesmo bloqueios para que possamos viver o que realmente queremos e não o que os outros criam ao nosso respeito.

Como citado anteriormente, o que era anormal e excluído pela sociedade, hoje tem se tornado normal, visto que estamos em todos os lugares. A necessidade de empresas, famílias e lugares pela representatividade deixa isso evidente. Pisamos em lugares nos quais somos aceitos e, caso contrário, transformamos tal ambiente para que “os nossos” também possam ter acesso. Infelizmente, ainda que a minoria tenha se tornado cada vez maior em quantidade, crimes de homofobia, seja física ou virtualmente, têm crescido. Em uma pesquisa realizada pela GGB<sup>8</sup> (Grupo Gay da Bahia), durante o ano de 2021, foram registradas 300 mortes por LGBTfobia no país. Em 2020, a quantidade de perdas registradas foi 8% menor. De acordo com a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da SaferNet, desde o início do ano passado, foram registradas 2.529 denúncias de homofobia na internet. Já em 2020, a associação recebeu 1.226 denúncias.

Com isso, percebemos que existe muito trabalho pela frente. Sobreviver, todos os dias, sendo LGBT+, é sempre um desafio que não precisávamos passar, mas é necessário. Mesmo diante dessas pesquisas e de notícias diárias sobre a LGBTfobia, a nossa grande presença e a nossa liberdade de expressão tem aumentado e lutamos para que sejamos aceitos e respeitados.

Preciado ainda traz, em outro trecho, a questão da obrigatoriedade de espaços para tornar “normal” a presença da comunidade LGBT+:

O corpo da multidão *queer* aparece no centro disso que chamei... de um trabalho de "desterritorialização" da heterossexualidade. Uma desterritorialização que afeta tanto o espaço urbano (é preciso, então, falar de desterritorialização do espaço majoritário, e não do gueto) quanto o espaço corporal. Esse processo de "desterritorialização" do corpo obriga a resistir aos processos do tornar-se "normal". Que existam tecnologias precisas de produção dos corpos "normais" ou de normalização dos gêneros não resulta um determinismo nem uma impossibilidade de ação política. Pelo contrário, porque porta em si mesma, como fracasso ou resíduo, a história das tecnologias de normalização dos corpos, a multidão *queer* tem também a possibilidade de intervir nos dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual. (PRECIADO, 2011. p. 14)

Precisamos desfazer a normatização da heterossexualidade e tornar possível (e acessível) outras identidades que diferem daquelas que são impostas pela sociedade desde a nossa criação. Tal atitude desencadeia vários pontos problematizadores que muitos LGBTs

---

<sup>8</sup> Fundada em 1980, o GGB é uma organização não governamental voltada para a defesa dos direitos dos homossexuais no Brasil. É a mais antiga associação brasileira de defesa dos LGBTs

passaram ou passam até hoje por causa de traumas, doenças psicológicas, depressão e a dificuldade de *tornar-se* livre, por causa da opressão que vivenciamos e do impedimento de reconhecermos, seja na adolescência ou juventude, a nossa verdadeira identidade.

Hoje, a comunidade LGBTQ+ tem tomado grandes proporções em vários espaços. A visibilidade e a representatividade em meios midiáticos tem sido surpreendente. O que antes era obrigatoriamente ocultado pelo medo, hoje é visto em telenovelas, séries, nas ruas, em grandes eventos. Porém, ainda que sejamos muitos, o medo permanece. O medo de duas pessoas que não são heterossexuais, andando pelas ruas de mãos dadas ou uma pessoa trans ou travesti buscando pela sua sobrevivência, ainda são causas a serem ganhas. O não desistir de lutar até que essa “anormalidade” vista pela sociedade, seja finalmente aceito, para que possamos ser verdadeiramente livres de opressões, medos e sem achar que a qualquer esquina, nos tornemos estatística também.

## 2.2 Cristianismo e homossexualidade

A comunidade LGBTQ+ é a sigla que carrega várias questões representativas, reunindo grupos de indivíduos fora das normas binárias de gênero e sexo que são constantemente marginalizados e excluídos da representatividade social, não só da sociedade como um todo, mas também pela família tradicional cristã brasileira. Parte das pessoas da comunidade LGBTQ+, iniciaram suas vidas dentro de uma casa religiosa, orientados pelas suas famílias desde o início de suas criações, crescendo no ambiente cristão e participando de várias atividades religiosas como equipes de louvor, dança, parte artística, entre outros setores mais visíveis das igrejas cristãs.

O escritor Marcelo Natividade (2010), mostra como a tradição cristã age diante da homossexualidade:

Com efeito, o tema da exclusão da diversidade sexual pelas religiões despontou, por meio de uma crítica à homofobia supostamente presente na tradição cristã e à consequente vinculação de tal prática sexual ao tema do pecado, da “abominação”, da antinatureza. (NATIVIDADE, 2010. p. 92)

Com isso, ouvindo dos líderes espirituais que a homossexualidade era um grande pecado e quem o cometia já estava “condenado ao inferno”, há quem decida permanecer nas igrejas evangélicas, tentando se livrar desse “pecado”, através da constante busca pela “cura” ou por uma “libertação” de seus desejos.



Quem decide permanecer pode se sentir “preso” por não ser totalmente livre para viver a sua vida e suas paixões, visto que a igreja constantemente, ao abordar temas da comunidade LGBTQ+, deixa evidente o quanto são contrários às suas vivências. Em textos bíblicos, como no livro de Levíticos no capítulo 18, versículo 22, principal passagem bíblica usada em pregações/sermões para declarar que a prática homossexual é um “pecado” e/ou algo “ruim”, afirma: “*Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é*”. (BIBLIA, 2009. *grifo nosso*. p. 125)

Trechos bíblicos e suas interpretações são diferentes maneiras para declarar aos cristãos e aos homossexuais, que escutam tais pregações, o quanto estão errados por decidirem vivenciar a sua liberdade e a sua orientação identitária. Nisso, o sentimento de não pertencimento ao espaço religioso envolve os indivíduos, trazendo a sensação de exclusão, não aceitação e que nunca serão devidamente acolhidos da forma que desejam, se decidirem permanecer naquele “erro”.

Desde a nossa infância, nós, os criados dentro do chamado “berço cristão” ou “berço evangélico”, somos orientados a rejeitar tais vivências e não amar quem os segue. Além das pregações trazerem o sentimento de culpa por estarmos errados diante das regras impostas pelos líderes, isso faz com que muitos familiares se tornem até mesmo homofóbicos, intolerantes e preconceituosos, visto que os próprios cristão são orientados a “obedecer a palavra”.

Diferente dos que decidem permanecer, inúmeros LGBTQs saíram das igrejas evangélicas por causa do preconceito que sofriam nos templos. Desistiram de frequentar lugares onde buscavam paz, amor, aceitação, mas infelizmente só recebiam preconceito e rejeição. Em contrapartida, igrejas contemporâneas/inclusivas foram criadas no Brasil justamente para esse público. De acordo com o teólogo André Musskopf (2003), em seu trabalho denominado “A Teologia que sai do Armário: um depoimento teológico”, quando o homossexual aceita de fato quem ele é, a aproximação a Deus fica mais fácil.

A negação do ser homossexual é a negação do agir salvífico de Deus em Jesus Cristo, pois nega a sua existência como ser humano criado à imagem de Deus. A vida deles passa a orientar-se pela auto-entrega e pela auto-doação, inclusive pela forma como vivem sua sexualidade. É o rompimento com o pecado da homofobia exterior e internalizada e a libertação para uma nova vida. (MUSSKOPF, 2003. p. 135)

Dentro das igrejas evangélicas, as pessoas que participam da prática religiosa congregando em um templo mais próxima, participando das reuniões, cultos e etc, os mesmos são instruídos através de pregações, canções e claro, uma bíblia - o manual de sobrevivência

cristão - como agir no dia-a-dia, o que deve e o que não deve ser feito, influenciando-os a se “separar” das práticas mundanas, visto que os religiosos não fazem parte dele e sim de um “Reino” (a salvação ou a morada celestial) que ainda está por vir.

Mesmo seguindo muitas regras e mandamentos diariamente para que não sintam o peso de seus pecados, os membros de congregações cristãs por vezes têm deixado os princípios cristãos de lado e tem usado o nome de Deus para justificar muitas coisas ruins que acontecem no mundo, inclusive o seu preconceito. Ainda que estes sejam ensinados desde o princípio que não existe mandamento maior do que o amor ao próximo como está escrito no livro de Mateus, a Bíblia também deixa ensinamentos como “não julgar” e mesmo assim, o preconceito e a intolerância aos que não fazem parte do “padrão cristão” é inevitavelmente perceptível.

A escritora Sandra de Oliveira (2011), em “A prática da violência no campo religioso brasileiro”, fala exatamente sobre esse fanatismo cristão que tem deixado muitos seguidores da fé, praticarem atos discriminatórios, deixando de lado o mandamento bíblico que instrui esses indivíduos a amar à todos como a si mesmo.

O que vem ocorrendo, em pleno século XXI, mostra que a religião ainda pode ser causa de violências e de conflitos. Quando o discurso religioso se refere à ética da mesma, “esbarra muitas vezes na dinâmica concreta e histórica de agressões, fanatismos, ódios e hostilidades inter-religiosas” em que na maioria das vezes “as posturas de intransigência e exclusão apoiam-se em sentimentos arraigados de superioridade, arrogância, identitária e pretensão exclusiva de verdade, que impossibilitam qualquer exercício de fraternidade recíproco” (OLIVEIRA, 2011, p.536)

Pessoas têm usado o nome de Deus para serem preconceituosos, racistas, LGBTfóbicos, machistas e muito mais. É preocupante parar, pensar e perceber o que as pessoas fizeram com Deus, visto que muitos usam o nome Dele para propagar esse tipo de ódio para quem está fora da bolha protestante.

Infelizmente, isso se dá devido às diversas interpretações bíblicas e teológicas realizadas pelo tradicionalismo cristão, por muitas vezes, demonstrando um Deus distorcido, cheio de ódio, opressor, temível, entre outros, diferente do que está escrito na própria bíblia, onde podemos encontrar um Deus amoroso e acolhedor.

A teóloga Claudia Nascimento de Oliveira (2011), no capítulo “Jesus e sua experiência de Deus” mostra a forma que Deus se apresentou a Jesus, o que não condiz com as atitudes dos cristão, “imitadores de cristo”, nos dias de hoje.

A palavra Abbá é a palavra chave na experiência de Deus por Jesus e em sua mediação dessa experiência para seus discípulos. Deus se mostra como um Pai próximo que dialoga com Jesus. É um caráter íntimo e prazeroso desta revelação. O emprego da palavra por Jesus é único e individual. Expressa o âmago de seu encontro com Deus. Fala de intimidade e familiaridade, de confiança ilimitada e inocente. (OLIVEIRA, 2011, p. 23)

Atualmente o cristianismo perdeu as suas origens. É notório como muitos cristãos, principalmente os que são influentes na internet e redes sociais, usam o nome de Deus para proclamar ódio àqueles que não fazem as suas vontades e seguem o que eles vivem (sendo ético ou não). Com isso, muitos perdem a fé achando que Deus é exatamente dessa forma distorcida, orgulhosa e cheia de regras. Em termos bíblicos e éticos, estes deveriam carregar o nome de Deus, mostrando coisas agradáveis sobre Ele, anunciando o seu amor e sua bondade. Apenas.

Dessa forma, grande parte da população cristã deixa as práticas religiosas, não para viverem as suas vidas livremente daquilo que os “prendia”, mas por não se sentirem aceitos dentro de um espaço onde o amor é pregado constantemente, porém, não é vivido.

Vanrochris Helbert Vieira (2015) traz em sua obra as soluções que parte das pessoas LGBT+ cristãs encontraram para que a sua fé não fosse inviabilizada, visto que alguns não querem deixar a sua prática religiosa, ainda que igrejas tradicionais não os acolhem.

Enquanto algumas se destacam por uma perspectiva mais fortemente ativista e pela veiculação de um discurso que valoriza a reinterpretação de textos bíblicos visando produzir uma teologia aos LGBT, uma teologia inclusiva, outras apelam a uma maior ênfase em elementos da vida religiosa, um discurso mais concentrado em formular modelos de uma “vida cristã”, explorando elementos cosmológicos e dos códigos de santidade. (VIEIRA, 2015, p. 107 *apud* NATIVIDADE & OLIVEIRA, 2013, p. 121)

A chamada teologia inclusiva citada acima, diz respeito aos conceitos, hoje em dia, predominantes no cristianismo. O que anteriormente era discriminado e visto como um “problema” dentro das práticas religiosas, tem sido motivo de luta por respeito e aceitação até os dias de hoje. Igrejas inclusivas e acolhedoras chegaram no Brasil e têm crescido cada vez mais, devido às oposições levantadas contra o tradicionalismo cristão.

### 2.3 Igrejas renovadas

Dentro da religião cristã, conhecida popularmente como evangélica, existem vários grupos que compõem as igrejas existentes no Brasil, cada uma com suas características. No

protestantismo, encontramos várias denominações, entre as principais temos Batista<sup>9</sup>, Metodista<sup>10</sup>, Presbiteriana<sup>11</sup> e Pentecostal<sup>12</sup>. Esses são os principais nomes que compõem as igrejas “tradicionais” brasileiras.

De todas as igrejas citadas, poucas aceitam e acolhem o público LGBT+. Em algumas igrejas cristãs, é perceptível a falta de informação ao lidar com a comunidade. Já em outras, a aceitação acontece, porém, com o passar do tempo, tentam mudar quem a pessoa é, pregando a “libertação” e/ou cura da sua identidade ou orientação sexual. Isso afirma, não só para esse público, mas para todos os membros das igrejas protestantes, que a homossexualidade (ou homoafetividade) é algo demoníaco do qual o indivíduo precisa de libertação ou permanece como algo doentio, para que assim, seja realizada a sua “cura” divina.

Um projeto criado pelo Deputado João Campos (PSDB-GO) em 2013 e recebeu o nome de “*cura gay*”, tramitou na Câmara dos Deputados como Projeto de Decreto Legislativo (PDC) 234/11, que buscava o tratamento da homossexualidade. Com isso, muitas igrejas evangélicas adotaram o termo, dando aos religiosos a possibilidade de uma possível “*cura gay*” para aqueles que não conseguiam conviver longe das práticas religiosas. O Decreto Legislativo (PCD) 237/11, do Deputado João Campos (PSDB-GO), traz em sua ementa a possibilidade de visualizar a homossexualidade como algo que pode ser “revertido” através de tratamentos psicológicos, sendo assim, algo “curável”.

Regina Soares Jurkewicz (2017), no capítulo “Cristianismo e Homossexualidade”, em seu trabalho chamado “Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades”, explica que os homossexuais não são diferentes dos héteros, evidenciando a naturalização dos corpos homossexuais, como partes do mundo:

A homossexualidade já não é mais vista como uma doença, as pessoas homossexuais não são menos saudáveis que as heterossexuais, apenas eroticamente têm outra orientação sexual, diferente da hegemônica. Os estudos do comportamento humano documentam práticas heterossexuais e homossexuais em diferentes espécies. Isso evidencia que a homossexualidade é um aspecto normal no mundo natural. A antropologia cultural mostrou que as sociedades humanas compreendem a homossexualidade de diferentes maneiras. Ou seja, as ciências

---

<sup>9</sup> Batista é uma denominação do Cristianismo. Tem como uma das principais doutrinas o batismo de adolescentes e adultos. Esta Igreja tem essa denominação graças a João Batista, que batizou Jesus Cristo.

<sup>10</sup> O metodismo foi um movimento de avivamento espiritual cristão ocorrido na Inglaterra do século XVIII que deu origem a Igreja Metodista em 1739 e enfatizou a relação íntima do indivíduo com Deus, iniciando-se com uma conversão pessoal e seguindo uma vida de ética e moral cristã.

<sup>11</sup> Identifica-se como movimento religioso protestante ou como ideologia sociocultural com raízes na Reforma Protestante de Calvino em Genebra.

<sup>12</sup> As igrejas pentecostais são um movimento cristão protestante que dá grande relevo ao Dia de Pentecostes e que apresenta algumas diferenças em comparação com outras denominações.

indicam que a homossexualidade é simplesmente parte do mundo que conhecemos – nem boa, nem má em si mesma. (JURKEWICZ, 2017, p. 48)

Mesmo antes dessa mobilização na Câmara dos Deputados e com a abundante exclusão dos religiosos para com a comunidade LGBTQ+, movimentos religiosos direcionados para esse público foram criados com o intuito de acolher, proteger e ocupar um “vazio espiritual” existente em muitos que decidiram deixar as igrejas cristãs, por não se sentirem representados e até mesmo aceitos no cristianismo.

Com isso, começaram a surgir as chamadas “igrejas contemporâneas” ou “igrejas inclusivas”. Essas que não diferem das demais tradicionais em suas reuniões, também contam com cultos que contenham louvor, orações e pregações. O fato de existir tal “separação”, é justamente por causa das igrejas tradicionais que não se mostram preparadas para lidar com a comunidade LGBTQ+ e toda a sua crença religiosa.

Laura Ribeiro e Fabio Scorsolini-Comin (2017), no artigo “Relações entre religiosidade e Homossexualidade em Jovens Adultos religiosos”, vão falar exatamente sobre essa desconstrução do preconceito, normalizando cada indivíduo em sua espiritualidade:

A presença de pessoas de orientação homossexual na comunidade religiosa aponta para a possibilidade de modificar a compreensão que se tem sobre a homossexualidade por meio da desconstrução dos preconceitos pela simples interação ou pela conscientização. Assim, pequenas mudanças microssistêmicas são possíveis e podem também gerar gradativas mudanças macrossistêmicas, com a mudança cultural nas próprias comunidades religiosas e na cultura ocidental em geral. (RIBEIRO & SCORSOLINI-COMIN, 2017, p. 9)

Dando início a gradativa modificação do tradicionalismo religioso, foi no ano de 1968 que a primeira igreja voltada para o público LGBTQ+ foi criada em Los Angeles, nos Estados Unidos. A igreja Metropolitan Community Church era uma congregação que pregava a rejeição ao fundamentalismo cristão, enfatizando que na Bíblia não há indícios de reprovação ou condenação ao homoafetivo.

No Brasil, tudo começou em 1997, com o Centro Acadêmico de Estudantes de História da USP (Caheusp), um grupo que se reunia para realizar discussões sobre a religião, homossexualidade e Direitos Humanos. Foi a partir desse grupo que foram levantados os primeiros pastores gays do Brasil. Com isso, foi criada a primeira igreja voltada para o público LGBTQ+, em São Paulo. De acordo com Fátima Weiss de Jesus (2017), somente no ano de 2000 as igrejas inclusivas começaram a proliferar no Brasil.

Diante de todas as congregações inclusivas ou não inclusivas, porém acolhedoras, que têm sido criadas, Marcelo Natividade (2017) expõe essa questão da religião, que antes

parecia ser intocável pela comunidade LGBT+, hoje se mostra mais acessível e cada dia mais buscando a sua aceitação diante das chamadas “igrejas tradicionais”:

O dilema de se compatibilizar duas dimensões de vida anteriormente intocáveis leva a decisões sobre o melhor caminho a ser percorrido, considerando as reações de aceitação, respeito ou repúdio de segmentos da sociedade mais ampla. Esse dilema, aqui referido nos termos de um particularismo em oposição a um universalismo, é confluyente com as tensões constituintes da trajetória do movimento homossexual (realçar a diferença ou afirmar a igualdade) e também com aquelas provenientes das lutas ocorridas na esfera política. (NATIVIDADE, 2010, p. 114)

O autor explica que muitos LGBTs, ao chegarem nas igrejas inclusivas, buscam pela cura, não de quem são, mas das feridas criadas por líderes espirituais em pregações.

Com efeito, acreditava-se que os gays que procuravam a igreja chegavam com muitas "feridas emocionais", resultantes da homofobia da sociedade e das religiões cristãs, que se apegavam a dogmas e interpretações bíblicas literais. Tal discurso assinalava uma afinidade do grupo com um *ethos* religioso pentecostal, psicologizado, através do qual se instituíam modos de gerenciamento das subjetividades pautados em modelos de autoajuda que preconizavam como valores o autocontrole e a posse de si. (NATIVIDADE, 2010, p. 102)

É interessante perceber que, mesmo nas diferentes denominações, sendo inclusivas ou não, Deus continua sendo o centro de tudo e o foco nas pregações sobre o amor e na aceitação da comunidade LGBT+ dentro da igreja, é algo reconfortante para quem os segue. Marcelo Natividade (2010, p. 113) reforça essa sensação de aceitação dentro das igrejas inclusivas. “Gays, lésbicas e travestis são parte do ‘povo de Deus’, antes excluído da possibilidade de uma vida cristã”. Isso ressalta que todos são aceitos por Deus e não importa sua identidade, Deus não os rejeita.

### 3 RADIODOCUMENTÁRIO E PODCASTING

O rádio sempre esteve muito presente na vida dos brasileiros com suas informações jornalísticas, com debates, programas esportivos, com a música, entre outros formatos. Com a chegada da tecnologia com o objetivo de tornar a vida do ser humano mais “fácil”, oferecer o contato com o outro mais acessível e possibilitar o consumo de informações na palma da mão, acontece então, um “abandono” dos aparelhos de som, visto que a internet, além de todas as ferramentas que ela possui, também daria aos seus usuários aquilo que o rádio proporcionava. A linguagem radiofônica começou a se reinventar.

Carmen Lúcia José (2017), comenta em seu trabalho, sobre a estruturação do rádio e como tem sido essas constantes mudanças.

Nos quase 100 anos de ondas no ar, a linguagem radiofônica foi sendo descoberta quando de suas próprias produções. Muita coisa não existe mais - por exemplo, as radionovelas - mas muito das experiências sonoras realizadas pelas radionovelas permaneceu na paisagem sonora dos spots publicitários, dos programas policiais e humorísticos; muita coisa ainda existe e bastante renovada, provando que as ondas ainda são muito importantes num país predominantemente sonoro e oral. Com a entrada na web, a linguagem radiofônica processa novos diálogos metalinguísticos para criar outros constituintes, exigidos pela condição de convergência da plataforma. (JOSÉ, 2017, p.2)

Dessa forma, podemos perceber que por muitas vezes os produtores têm buscado formas de fazer com que o rádio esteja caminhando lado a lado com as mudanças que os meios de comunicação têm sofrido desde a chegada da internet e das plataformas de streaming.

Dito isso, o rádio ainda se faz presente nos ouvidos de grande parte da população. Conforme uma pesquisa realizada pela Kantar IBOPE Media, no Inside Rádio 2021<sup>13</sup>, cerca de 80% dos brasileiros ouvem rádio, um percentual que aumentou 2 pontos em comparação com o ano de 2020. Sendo assim, o rádio ainda é um meio de consumo de informação latente no dia-a-dia do ser humano.

Por muitas vezes, algumas pessoas (idosos, pessoas que não conseguem se adaptar à tecnologia ou pessoas que não tem condições e/ou interesse para tal), ainda precisam do aparelho de rádio para se manter informado. Lembro-me até hoje de ficar na casa da minha avó Jorgina por dias quando era criança e em todos eles ela ligava seu “radinho” às 6 horas da manhã, para ouvir o radialista Acir Antão, da Rádio Itatiaia. Logo após, ficava sabendo de

<sup>13</sup> <https://abratel.org.br/noticias/consumo-de-radio-aumentou-e-alcanca-80-dos-brasileiros/>

tudo que acontecia na cidade, no estado, no Brasil e no mundo através dos programas jornalísticos. Quando tinha algum debate temático, ela comentava como se os locutores pudessem ouvi-la. Era engraçado.

Por outro lado, meu padraço, que acessa todos os meios de comunicação possíveis (televisão, celular, plataformas de streaming e outros), todos os dias, quando acorda, liga o seu aparelho de rádio para escutar as informações com o máximo de detalhes possíveis dentro dos minutos que a sonora de uma matéria pode ter, enquanto arruma a cozinha. Com isso, podemos ver que o rádio é muito importante na vida de muitos, porque talvez, ele pode ser o único meio de comunicação que a pessoa têm para se manter informada ou talvez, por causa da correria do dia-a-dia, essa é a única rede comunicacional que o receptor pode consumir naquele momento.

É isso que o rádio faz, além de conectar o ouvinte com o mundo e também com os locutores, permite que o receptor realize outras atividades, o que a televisão, o celular e outros meios de comunicação não possibilitam, visto que para tais formatos, precisamos parar, sentar e ver as imagens/vídeos, para que haja entendimento e compreensão do que está sendo dito.

### 3.1 Formatos radiofônicos

Voltando um pouco na história, além dos programas jornalísticos, que sempre deixam o ouvinte mais informado com seus detalhes, entonações e diálogos, essa linguagem comunicacional também teve sua trajetória nas radionovelas, uma das principais atrações da rádio em 1940.

A historiadora Tânia Regina Stenert Correa (2014), comenta em seu trabalho sobre esse *boom* que as radionovelas tomaram naquela época.

A radionovela torna-se mais popular, pois, diferente de noticiários, possui um enredo diário, história que se contemporiza através de capítulos, em sua sequência, tornando-se familiares os personagens e as situações representadas, além de introduzirem-se na vida do ouvinte. Quando o gênero radionovela chega ao Brasil, em 1941, já era imenso o sucesso em países como México e Venezuela. As radionovelas eram de consumo imediato. Não havia pretensões de significação universal, sendo assim, moldavam-se com o seu próprio tempo. (CORREA, 2014, p.33)

Após a chegada das novelas na televisão, as radionovelas foram perdendo o seu espaço em 1970, o que não deixou com que os comunicadores de rádio perdessem a sua



determinação, fazendo assim, uma nova busca por formas de fazer com que o receptor/ouvinte pudesse criar grandes cenas imaginárias sem sair de casa, apenas utilizando um fone de ouvido ou um aparelho sonoro.

Com isso, mais tarde, essa busca daria um pequeno resultado. As histórias contadas através da linguagem sonora, se dariam por outro formato. Em busca de novos meios para atrair mais ouvintes, o rádio traz em sua grade, um novo tipo de som com o objetivo de entreter seu público.

Visando uma forma não tão robótica nos aparelhos de rádio, visto que as informações repassadas nos programas radiofônicos eram apenas vozes (verbal-oral), nasce em seu repertórios alguns sons musicais e também os chamados efeitos sonoros, para complementar a criação do radiodocumentário, também conhecido como documentário radiofônico, de acordo com professora Carmen Lúcia (2017).

Da notícia para a reportagem, da reportagem para o documentário jornalístico, o texto radiofônico, em diálogo metalinguístico na periferia da fronteira, foi passando por mudanças estruturais significativas, que resultaram em estrutura singular que pode ser nomeada documentário radiofônico. [...] o documentário radiofônico descobriu o uso da sonoplastia (trilhas e efeitos sonoros) para compor a paisagem sonora dos textos locutados. Com isso, o documentário radiofônico ganhava sua primeira formatação, isto é, o eixo da delimitação da cultura modelizava o gênero em padrão. (JOSÉ, 2017, p. 4)

O radiodocumentário apresenta grandes temas, uma rica arte sonora e um monumento de detalhes dos temas que ele deseja abordar, podendo problematizar tal assunto, questionar, correr atrás de respostas ou deixar que perguntas fiquem no ar, para que o próprio ouvinte possa decidir qual será a finalidade da questão.

A escritora Carmen (2017), ainda fala em seu trabalho sobre o objetivo do documentário e sua construção.

[...] o documentário, como gênero que complexificou a reportagem, transforma o tema ou o assunto numa questão, isto é, problematiza as afirmações ou as negações que já aparecem como generalidades fechadas; cada aspecto do tema pode ser tratado como hipótese, como possibilidade que questiona algum argumento, ou parte dele, que se apresenta fragilizado como constituinte da generalidade em virtude de mudanças no próprio fenômeno do qual o fato, e mesmo a generalidade, são apenas parte dele. (JOSÉ, 2017, p. 7)

Mesmo com sua riqueza de informações e detalhes, o radiodocumentário não ganhou tanto espaço e notoriedade quanto no cinema e na TV. A autora Márcia Detoni (2018), que usa a nomenclatura áudio documentário, aponta a rejeição que o formato sofreu e tem sofrido

no meio jornalístico. Exemplo disso é uma tentativa nas mudanças das nomeações na forma de reprodução dos conteúdos. Para que essas informações pudessem ser publicadas, era necessário utilizar outra nomenclatura em seu formato, sabendo que se fossem ao ar nomeados como documentários, eles não seriam publicados, dando a entender que o público não iria se interessar por esses arquivos.

O jornalista e acadêmico americano John Biewen, diretor do Centro de Estudos do Documentário na Duke University (Carolina do Norte), conta que o gerente de uma grande emissora pública dos EUA o advertiu contra o uso da palavra quando ele e alguns colegas da Minnesota Public Radio lançaram um programa semanal de radiodocumentários em 1998. Seja o que você fizer, disse ele, não chame esses programas de documentários. Isso é morte instantânea. As emissoras não vão transmiti-los. Diretores de programação vão temer o abandono em massa de suas audiências (...) Chame-os de “especial”, ou de “reportagem especial”. Uma “extravagância sônica”, ou algo assim. Qualquer coisa, menos “documentário”. (BIEWEN, DILWORTH, 2010. p.1 *apud* DETONI, 2018, p.13)

Sendo assim, o áudio documentário foi se transformando em nomenclatura. Nas redações das rádios, a produção de reportagens extensas com várias fontes e grandes sonoras que facilmente poderiam ser classificadas como documentários, hoje em dia são conhecidas como “reportagens especiais” ou “grandes reportagens”.

Assim como o documentário, essas também são construídas através de longas entrevistas, pesquisas, explicações, detalhes e claro, efeitos sonoros que são capazes de deixar o ouvinte entretido a cada segundo, até mesmo durante o silêncio, deixando um clima de suspense entre uma sonora e outra. De acordo com Detoni (2018, p.14), o objetivo dessas grandes reportagens “não é meramente informar; mas sensibilizar, revelar, compartilhar uma experiência, mudar a percepção sobre algo”.

Para que os áudios documentários pudessem ser publicados de forma mais acessível e livre dos ouvidos críticos, visto que o preconceito dessa linguagem radiofônica se fazia presente nas rádios devido às suas extensas reportagens, entrevistas e/ou diálogos, os produtores de radiodocumentários, com a chegada da web, descobriram um novo formato para que eles pudessem assim, disponibilizar as suas produções separadas por episódios, sem limites de detalhes, arte sonora e principalmente de temas a serem discutidos.

### 3.2 O podcast

Diante de todos esses caminhos que o rádio tem trilhado para alcançar os avanços que a tecnologia e a web tem obtido com o passar dos anos, pensando nas inovações e no público que possivelmente esse meio comunicacional poderia atingir, o rádio chega nos sites de transmissão online, nas redes sociais, nas plataformas de streaming e tem criado suas raízes em um formato que hoje em dia conhecemos como *podcasting*.

Os autores Lucio Luiz e Pablo de Assis (2010), definem o podcast como uma mídia potente que tem conquistado o público e mostrado uma potência em produção, mesmo com suas facilidade de criação e distribuição.

O podcast é uma mídia da cibercultura em formato de áudio ou vídeo e transmitido diretamente ao assinante via feed RSS<sup>14</sup>. Vem conquistando grande espaço na Web 2.0, especialmente com relação à produção de informação e às suas potencialidades comunicacionais e educativas. Além disso, também subverte a questão do receptor passivo ligado às mídias de massa tradicionais. A partir de uma origem fortemente tecnológica, o podcast teve um desenvolvimento voltado a facilitar sua produção e distribuição, permitindo que qualquer pessoa se torne potencialmente receptor e emissor, tornando a difusão de informações mais democrática. (LUIZ e ASSIS, 2010, p.1)

Uma pesquisa realizada pela Statista<sup>15</sup> e IBOPE<sup>16</sup> no final de 2022, apontou que o Brasil é o terceiro país que mais consome podcast no mundo, contando com mais de 30 milhões de ouvintes. Mais de 40% dos brasileiros escutaram podcast pelo menos uma vez nos últimos 12 meses. A Suécia, primeira colocada no ranking, possui uma taxa de 47%.

Um dos maiores fenômenos do século XXI, o *podcast* pode ser consumido em várias plataformas, sites, horários, locais e formas diferentes. Ele funciona como um meio de comunicação mais acessível e prático, podendo ser consumido através de áudio ou vídeo na internet ou plataformas de *streaming*. Com sua tamanha qualidade em produção, o *podcast* carrega um poder de nos levar a lugares que nunca visitamos, conhecer pessoas que talvez nunca iremos ver pessoalmente e também nos trazer sentimentos que somente uma grande telenovela cheia de emoções poderiam nos proporcionar.

Contando com vários arquivos em áudio, a produção de podcast, de acordo com Luiz e Assis (2010), não exige uma estrutura cara quanto os formatos visuais como TV e cinema.

---

<sup>14</sup> O *Really Simple Syndication* é uma maneira de relacionar o conteúdo de um blog de forma que seja entendido pelos agregadores de conteúdo.

<sup>15</sup> É uma plataforma online especializada em dados de mercado e consumidores, que oferece estatísticas e relatórios, insights de mercado, insights de consumidores e insights de empresas em alemão, inglês, espanhol e francês.

<sup>16</sup> O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, foi uma empresa brasileira de pesquisas de mercado, opinião e política.

[...] para se produzir um podcast é necessário somente um computador equipado com um microfone, fones de ouvido e uma placa de áudio com capacidade de gravação e reprodução de sons. Para isso, basta que o usuário capture o áudio e crie um arquivo de som para ser disponibilizado na internet. Outra característica do podcasting são os tipos de arquivo. Para se publicar podcasts na rede, os arquivos de áudio dos programas não podem ser muito grandes (em volume de dados), pois os ouvintes precisam copiá-los para seus computadores e nem todos contam com conexões suficientemente rápidas para fazer downloads longos em um período de tempo aceitável. (LUIZ e ASSIS, 2010. p. 7)

Sendo assim, o produtor de podcast não precisa ser um comunicador profissional para realizar a sua grande reportagem, documentário ou até mesmo monólogo curto, levando em conta que grande parte da população hoje em dia possui um computador/notebook, até mesmo aplicativos de celular que possibilitam a gravação, edição e também o acesso facilitado para publicação desses arquivos.

Dessa forma, trabalhando de um modo mais dinâmico, o formato *podcast* facilitou a produção/reprodução de reportagens e programas de forma mais independente, possibilitando ao autor um tempo maior e, por muitas vezes, mais detalhada de informações/notícias que não podem ser vistas através da televisão, que não cabem dentro de um jornal impresso e nem mesmo em uma página da *web*, mas podem ser contadas através de episódios de *podcasts* que duram entre 30/50 minutos, sem que haja a necessidade da finalização emergencial do que está sendo reproduzido.

Separados por episódios e temas, os arquivos ficam disponíveis para *download* ou para audiência por streaming a qualquer momento via internet, dando a possibilidade do ouvinte de poder consumir o produto quando quiser. E é nesse formato tão acessível que o radiodocumentário tem ganhado vida nova.

### 3.3 Radiodocumentário em podcast

O radiodocumentário no formato podcast é um dos avanços do radiojornalismo. Os avanços que esse meio de comunicação adquiriu com a web e o crescimento latente da tecnologia, só tem demonstrado com a persistência do rádio que gerou apenas bons resultados e claro, um grande e novo número de ouvintes por todo o mundo.

Os autores João Djane Assunção da Silva e Diogo Lopes de Oliveira (2020), falam sobre esse formato comunicacional em seu trabalho.

O movimento podcasting mudou a forma de consumo de mídia sonora. Isso se deve ao fácil acesso que temos a aplicativos e plataformas digitais capazes de distribuir arquivos de áudio para serem ouvidos on-line ou baixados em computadores, smart

TVs, tablets, iPads, smartphones ou qualquer outro dispositivo com capacidade de integração com a internet e que atenda aos requisitos operacionais básicos para seu funcionamento. Estes podcasts circulam como um vírus através de e-mails, redes sociais (Twitter ou Facebook) ou por WhatsApp. Nunca serão escutados em rádios convencionais, mas arrasam no mundo digital. E, para mim, é rádio a arte de contar histórias. (LÓPEZ e MATÍAS, 2019, p. 11-12 apud SILVA e OLIVEIRA, 2020, p. 185).

Com isso, é perceptível que o podcast tem se movido com muita facilidade nos meios de comunicação, digitais e tecnológicos. Nisso, essa arte de poder contar suas histórias, o radiodocumentário surge no formato podcast com o objetivo de envolver o ouvinte em suas histórias compostas por palavras, trilhas sonoras, silêncio, entrevistas e episódios que a cada segundo trazem novidades sobre o tema proposta e que consegue “prender” o ouvinte na grande reportagem que está sendo contada de forma mais detalhada.

Márcia Detoni (2018) retrata em seu trabalho esse fato quando diz que o elemento chave do áudio documentário, além das paisagens sonoras, é o que está sendo dito, visto que essa ferramenta possibilita a conexão do locutor com o ouvinte.

É importante observar que o elemento-chave em uma reportagem ou documentário jornalístico é a palavra. O som ambiente ou o efeito sonoro entram na narrativa para passar informação. São literais e inequívocos. A música e os efeitos especiais, com caráter ilustrativo, são usados com moderação para não distrair o ouvinte ou estimular associações diversas ao sentido central da história. Já a força do feature reside no potencial imagético e metafórico dos sons (voz, música, ruídos). A intenção é estabelecer outro nível de conexão com o ouvinte, aliando a autenticidade da fala a elementos acústicos que mexam com a mente, despertem a imaginação, toquem o coração. (DETONI, 2018, p. 15)

Como exemplo disso, temos o podcast chamado “A Mulher da Casa Abandonada”. A Mulher da Casa Abandonada é um podcast narrativo da Folha<sup>17</sup> que investiga, através de 11 episódios, a história de vida de uma mulher que mora em uma mansão em Higienópolis, um dos bairros mais ricos de São Paulo e se apresenta como Mari.

Criado pelo repórter Chico Felitti, o podcast se dá através de uma apuração de seis meses nesse bairro, que passa por um subúrbio de Washington e também por uma empresa que faz foguetes e satélites para a Nasa. Por trás do nome inventado e de uma camada de pomada branca que passa no rosto, a protagonista do podcast Mari, esconde a acusação de ter cometido, há vinte anos atrás, um crime de racismo nos Estados Unidos.

Mesmo com seus episódios quase ultrapassando os 60 minutos, o podcast “A Mulher da Casa Abandonada” é capaz de prender o ouvinte, visto que cada episódio traz informações que podem ser problematizadas, questionadas e por muitas vezes, deixa o receptor sem

---

<sup>17</sup> Folha de São Paulo é um jornal brasileiro editado na cidade de São Paulo e é atualmente o segundo maior jornal do Brasil em circulação

respostas. É possível sentir através das vozes, das paisagens sonoras e também no silêncio, a veracidade de todas as informações. Além do mais, diante de tal crime cometido, os ouvintes só queriam saber qual seria o fim dessa história e qual rumo a vida de “Mari” tomaria após essa exposição e investigação.

O objetivo dos áudio documentários seria exatamente esse, de “transformar histórias reais em atrações culturais que informam, educam e entretêm” o ouvinte.

[...] o formato incorpora elementos do que a autora aponta como “novo jornalismo”, que aceita a inserção de elementos ficcionais para ambientação e apresentação da realidade de maneira mais atraente. O objetivo é fazer com que histórias reais se tornem atrações culturais que informam, educam e entretêm, discutindo temas reais que convidam o ouvinte a refleti-los, suscitando, dessa forma, cidadãos mais conscientes e críticos. (SILVA; OLIVEIRA, 2020. p. 189)

O radiodocumentário, após passar por grandes provações no início da trajetória, visto que era “excluído” pelas redações jornalísticas, hoje em dia tem tomado espaço e tem atraído públicos de todas as idades. As notícias que são contadas de formas mais detalhadas, hoje em dia são conhecidas e ouvidas como grandes histórias reais que são capazes de entreter o ouvinte, independente do seu tema e principalmente do tempo que o assunto está sendo investigado.

### 3.4 A escolha do podcast

Dito isso, diante da complementação a ser apresentada em conjunto com esse trabalho, é exatamente isso que pretendo fazer no produto escolhido. No radiodocumentário produzido, busco apresentar um tema que remeta a Comunidade LGBTQ+ e às igrejas evangélicas. O tema é bem delicado, visto que ele sempre gera uma problematização intensa por parte da igreja e quem os segue.

Parte da Comunidade LGBTQ+ já experimentaram o estar dentro de templos religiosos e se não, tem alguém na família que participa do cristianismo. Sendo assim, ainda que nunca tenhamos feito parte dessa religião, estamos cercados, de alguma forma, de pessoas que fazem ou já fizeram parte disso.

O trabalho “Pessoas da Comunidade LGBTQ+ e Sua Vivência na Igreja” tem como objetivo, através do radiodocumentário “Se Deus é por nós, porque vocês são contra nós?”, **investigar** (a vida de LGBTQs que fizeram parte desse religião e não estão mais ou ainda fazem parte do cristianismo ou simplesmente querem voltar, por conta da saudade que sentem de Deus), **ouvir** (aqueles que foram machucados pela igreja ou estão resistindo todos os

preconceitos e olhares por causa de um Bem Maior) e **sensibilizar** (àqueles que buscam por respostas ou acham que estão sozinhos nessa “luta” entre ser quem você é e viver aquilo que a igreja impõe por causa da sua própria interpretação).

Diferentemente de um produto jornalístico ou de uma grande reportagem, é pretendido neste podcast, um radiodocumentário para relatar a vida das pessoas que fazem parte da Comunidade LGBTQ+ e precisam ser ouvidas ou querem desabafar sobre o que a igreja fez ou até mesmo trazer ao conhecimento de muitos, o fato de que o amor de Deus permanece, independente de uma sexualidade ou identidade diferente daquilo que a própria igreja impõe sobre o que é “certo” ou “errado”. Entretanto, para quem ouvir o produto, vai perceber uma certa semelhança com programas de rádio dos anos 80/90, onde apresentadores entrevistavam suas fontes e a voz soava como se a pessoa estivesse dentro de um aquário e também pelo fato das entrevistas não terem um certo diálogo, mas sim, uma forma de pergunta-resposta, o que era chamado de pingue-pongue.

A escolha por um radiodocumentário no formato podcast se deu pelo fato desse formato ser mais ágil em produção, edição e principalmente na sua publicação. Contando com alguns equipamentos, o trabalho foi feito através da gravação de áudio por um aparelho celular (Iphone Xr), tanto presencialmente com alguns entrevistados e também por vídeo chamada, onde realizava a entrevista pelo Google Meet, no computador e realizada as gravações dos áudios pelo celular, visto que algumas fontes não estavam disponíveis para um encontro pessoal e também fontes que moram em outro estado.

Para sua edição, foi utilizado aplicativos como o Audacity, um sistema gratuito que permite realizar cortes, inserir fundos musicais, entre outros. Também utilizei nessa produção o aplicativo Moises, que permite a retirada de ruídos, sons de fundo como falas de outras pessoas, áudios “estourados” (altos demais), permitindo que a voz do entrevistado ficasse mais “limpa” e audível.

Para que tudo isso pudesse ser devidamente realizado, as fontes são as principais peças deste produto. Como foi dito anteriormente, grande parte da comunidade LGBTQ+ já teve ou já ouviu falar sobre alguma experiência na religião cristã. Com isso, as vozes que compõem esse trabalho foram bem tranquilas de serem encontradas.

Buscando amigos e conhecidos que já fizeram parte de alguma igreja evangélica, fiz um convite para que os mesmos pudessem participar desse projeto. Visto que o tema é bem problemático e como a comunidade LGBTQ+ tem muito o que falar sobre essa religião, todos que foram convidados, aceitaram esse desafio de utilizar a sua voz para que esse trabalho pudesse ser realizado.

Da mesma forma, nas redes sociais, pude ver as publicações de algumas pessoas, seja no *TikTok* ou no *Instagram*, sobre a sua vivência dentro da igreja, independente da sua sexualidade. O convite foi feito e com todo prazer possível, aceitaram participar do podcast, para que outras pessoas que se encontram na mesma situação, pudessem perceber que existem remanescentes que não ligam para falatórios, preconceitos sofridos, falas errôneas, olhares e outras coisas que fazem com que grande parte da comunidade desistisse de ficar dentro de um lugar que não são verdadeiramente aceitos.

Produzir um podcast sobre a vivência da comunidade LGBTQ+ dentro da igreja foi extremamente desafiador. Ainda que pareça um tema de fácil produção, visto que muitas pessoas já tiveram a sua trajetória na igreja, a problematização dessa questão ainda é latente nos dias de hoje.

Em qualquer noticiário que relaciona o LGBTQ+ e aquilo que a igreja fala em relação às suas práticas e vivências, dá a abertura de grandes debates, respostas e contra respostas, já que cada um tem a sua visão. O julgamento que a igreja tem em relação às práticas homossexuais ou homoafetivas, demonstra que as congregações religiosas necessitam de treinamento para saber de fato como tratar a comunidade. Mas, infelizmente, muitos não estão com os corações abertos para receber tal ensinamento.

Da mesma forma, acho que a própria comunidade não aguenta mais os preconceitos que a igreja reproduz. É notório que “estamos de saco cheio”. Inclusive, em uma das perguntas feitas para as fontes, foi questionado se eles acham que a igreja um dia irá mudar a concepção que ela tem em relação ao LGBTQ+ e em sua maioria, a resposta foi um simples “não”. É estranho o fato de existir um lugar onde é pregado o amor de Deus, um Jesus que amou a todos independente das suas condições, pecados e vivências, mas a igreja em si não reproduz o amor que Deus ensina em suas escrituras.

Entretanto, nas próprias fontes que foram entrevistadas, podemos ver que existem pessoas que acreditam nessa mudança, tanto que escolheram permanecer. Ainda que sua permanência seja em igreja inclusiva, é notório em suas falas, o quanto estar dentro deste lugar faz com que elas se sintam bem, se sintam amadas, se sintam aceitas. É interessante perceber que a igreja está mudando, ainda que sejam em poucos passos.

Por fim, produzir esse podcast foi estrondosamente emocionante. É como se pudesse ver em cada fala, em cada história, a minha própria vida. A escolha desse tema se deu devido a tudo que passei dentro da igreja e aquilo que eu acredito sobre o que Deus pensa em relação a comunidade LGBTQ+. Não foi um processo fácil. Acho que meu orientador sabe muito bem disso. Entretanto, o concluir desse projeto é um marco na minha vida, visto que mesmo diante



de atrasos, o medo de finalizar um ciclo e também o medo do que está por vir, adiaram o processo.

## 4 O PRODUTO

### 4.1 Sinopse

O podcast “Se Deus é por nós, porque vocês são contra nós?” é um trabalho investigativo que busca para descobrir, expor e relatar os motivos pelos quais pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ continuam frequentando igrejas evangélicas, vivendo práticas relacionadas a fé e ao amor a Deus, mesmo diante de julgamentos por parte do tradicionalismo cristão e por muitas vezes, homofóbico. E também, busca ouvir pessoas que deixaram essa prática, mas sentem saudades. Essa obra surge através de entrevistas concedidas por frequentadores de igrejas contemporâneas inclusivas e não inclusivas da cidade de Belo Horizonte e também de personagens LGBTs que vivem essa prática em outras cidades do Brasil. Tudo se complementa através de um estudo teológico que se dá através de alguns versículos da bíblia, nos quais existem várias interpretações, e também por histórias reais de fontes que escolheram viver a fé, sem se importar com os olhares de acusações, opressões e de um espaço tomado, quase que completamente, pela heteronormatividade cristã. As respostas para todas as perguntas que são feitas nesse trabalho não precisam ser necessariamente encontradas, mas esse podcast pode transformar vidas de pessoas que sofreram muito ao sair da igreja por causa de preconceitos, trazendo à tona direcionamentos para questões que envolvem um Ser Maior e todos que os segue de uma forma correta (ou não).

### 4.2 Episódio

O podcast se dá através de um grande episódio com a duração de aproximadamente 25 minutos. Ele vai contar histórias e vivências de pessoas que já passaram pela igreja cristã e que hoje vivem fora da congregação, mas sentem falta. E também vai contar sobre aqueles que decidiram ficar, tentando mudar o quadro homofóbico existente nesses espaços.

O podcast produzindo pode ser consumido através do link: <https://on.soundcloud.com/Wzn35>

### 4.3 Fontes

- 1) Caio Filippo (30 anos), homem trans, que enfrenta preconceitos diariamente, mas recebeu de Deus um amor inigualável e que, de acordo com suas palavras, não O abandona por nada.
- 2) Larissa Silva (21 anos), bissexual, é moradora da região metropolitana de Belo Horizonte. Sente falta da presença, de estar em um ambiente cristão, mas por causa da discriminação feita pela igreja contra seus princípios, decidiu sair da igreja. Larissa não acredita que as coisas no mundo gospel irão mudar e o preconceito contra a comunidade LGBT+ sempre irá existir.
- 3) Victor Rangel (30 anos), morador de Venda Nova. Victor cresceu na igreja, no louvor e era apaixonado por essa vivência cristã, até que decidiu se assumir e consequentemente sabia que teria que deixar a igreja por conta do preconceito. Hoje, fora do contexto cristão, Victor vive a sua vida normalmente, mas se sente vazio e incapaz de voltar a frequentar a igreja novamente, já que os mesmos não estão preparados para recebê-lo como ele é.
- 4) Felipe Santos (19 anos), morador da cidade de Governador Valadares e estudante da Universidade Federal de Ouro Preto. Cristão desde quando se conhece por gente. Deixou de frequentar a igreja há 1 ano e meio, visto que se “libertou” de tantas barreiras para poder viver tudo o que ele realmente é. Se escondeu tanto dentro da igreja que hoje vive apenas da fé em Deus, orando e cantando louvores.
- 5) Wesley Tereza (19 anos), morador da cidade de Teresina - PI. Assumidamente gay para a família, amigos e também para a igreja. Escolheu permanecer no cristianismo, pois reconhece que seu chamado é amar, da forma que deseja ser amado dentro do núcleo cristão.
- 6) Jessica Diniz (23 anos), nascida e criada em Teresópolis, RJ. Bissexual que teve a sua infância na igreja. Viver no louvor e na dança, mas por causa de uma paixão “proibida” resolveu sair para viver a sua vida sem os olhares maldosos e julgamentos

desnecessários. Acredita que Deus a ama da mesma forma, mas não voltaria para igreja, visto que a mesma não está preparada para recebê-la da forma que deseja.

#### 4.4 Roteiro

TÉCNICA	LOCUÇÃO
<p data-bbox="204 667 483 701">Sonora Jéssica Diniz</p> <p data-bbox="204 1106 770 1205"><b>Roda Vinheta</b> Música Zeus - Gigante no Mic - Nocivo Shomon - Fabio Brazza - A divina comédia</p> <p data-bbox="204 1375 459 1473"><b>OFF 1</b> <b>MATEUS SANTOS</b> som ambiente</p>	<p data-bbox="799 667 1385 1010">IMAGINA VOCÊ VIVER UMA VIDA INTEIRA SE NEGANDO E SE PRIVANDO DE UMA PARADA QUE PODERIA SER LINDA E AÍ CHEGAR NO SEU JUÍZO FINAL E DEUS FALAR: CARA VOCÊS FIZERAM TUDO ERRADO CARA VOCÊS FIZERAM TUDO ERRADO EU NUNCA CONDENEI ISSO E VOCÊ FALAR: CARACA PERDI MAIOR TEMPÃO.</p> <p data-bbox="799 1384 1385 1536">OLÁ, EU SOU O MATEUS SANTOS, ESSE É O RADIODOCUMENTÁRIO "SE DEUS É POR NÓS, PORQUE VOCÊS SÃO CONTRA NÓS?".</p> <p data-bbox="799 1581 1385 1924">NESTE TRABALHO, VAMOS CONTAR A HISTÓRIA DE PESSOAS DA COMUNIDADE LGBT+ QUE JÁ TIVERAM UMA VIDA ALICERÇADA NA IGREJA E QUE HOJE, PREFEREM NÃO CONGREGAR POR CAUSA DOS PRECONCEITOS QUE JÁ SOFRERAM POR SIMPLEMENTE SEREM QUEM REALMENTE SÃO.</p> <p data-bbox="799 1968 1385 2002">POR OUTRO LADO, VAMOS CONTAR</p>

HISTÓRIAS DE PESSOAS QUE DECIDIRAM PERMANECER, LUTANDO POR UM ESPAÇO MAIS ACOLHEDOR E SENDO O AMOR QUE MUITOS PRECISAM E BUSCAM NESSES TEMPLOS RELIGIOSOS ANUNCIANDO O AMOR DE DEUS SEM BARREIRAS SEM REGRAS SEM LIMITES INDEPENDENTE DA SUA BANDEIRA.

ACHO QUE A GRANDE MAIORIA DAS PESSOAS QUE ESTÃO ME OUVINDO AGORA, JÁ ESCUTARAM ALGUM TIPO DE MENSAGEM, PREGAÇÃO, PALAVRAS QUE POSSO CHAMAR DE "AMARGAS DEMAIS" DE PESSOAS QUE ESTÃO DENTRO DE UMA IGREJA TRADICIONAL QUE NÃO ACEITAM A SEXUALIDADE OU IDENTIDADE QUE DIFERE DAQUELAS QUE ELES DENOMINAM SER "NORMAIS".

O PRECONCEITO DE ALGUMAS PESSOAS DA IGREJA CONTRA A COMUNIDADE LGBT+ PODE SER ENCONTRADA EM QUALQUER LUGAR. AS REDES SOCIAIS/ POR EXEMPLO ESTÃO LOTADAS DE MENSAGENS DIZENDO QUE TODOS AQUELES QUE PRATICAM OU VIVEM TAIS "PECADOS" COMO ELES DIZEM JÁ ESTÃO CONDENADAS AO INFERNO

SE VOCÊ JÁ VIVEU UMA EXPERIÊNCIA CRISTÃ OU TEM FAMILIARES AMIGOS CRISTÃOS COM CERTEZA JÁ OUVIU VERSÍCULOS COMO AQUELE QUE ESTÁ LÁ EM LEVÍTICO 18:22 Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é

E TAMBÉM TEM AQUELE QUE ELES USAM QUE ESTÁ LÁ EM ROMANOS 1:27 QUE DIZ De igual modo, os homens também abandonaram as relações sexuais naturais com suas mulheres e se inflamaram de desejo sensual uns pelos outros. Deram, então, início à sucessão de

<p>pausa som ambiente</p> <p>retoma som ambiente</p> <p>pausa som ambiente</p> <p>retoma som ambiente</p>	<p>atos indecentes, homens com homens, e, por isso, receberam em si mesmos o castigo que a sua perversão requereu</p> <p>COM ESSES VERSÍCULOS, JÁ DÁ PRA TER UMA NOÇÃO DO QUE ERA PREGADO.</p> <p>ENFIM...</p> <p>ESSAS E OUTRAS EXPERIÊNCIAS, VOCÊS VÃO OUVIR AQUI COMIGO. AS HISTÓRIAS SÃO REAIS, VOCÊ PODE ATÉ ACHAR QUE SÃO AS MESMAS, MAS SÓ A PRÓPRIA PESSOA QUE FOI EXPULSA OU JULGADA EM UM LUGAR QUE SE SENTIA BEM E AMADO POR DEUS, PODE DIZER O TAMANHO DA DOR DE DEIXAR A IGREJA OU UMA VIDA COM DEUS, JÁ QUE EM NENHUM MOMENTO A ACEITAÇÃO OU O ACOLHIMENTO VEIO. AINDA MAIS DAQUELES QUE DIZEM QUE "É NECESSÁRIO AMAR A TODOS, AO PRÓXIMO COMO A TI MESMO"</p> <p>QUE PRÓXIMO É ESSE, NÉ? PORQUE NÃO ME AMA ENTÃO/ EU TÔ SENTADO DO SEU LADO / SABE?</p> <p>É ENGRAÇADO QUE NA MESMA BÍBLIA TEM VERSÍCULOS INSTRUINDO OS CRISTÃOS A NÃO JULGAR E TAMBÉM TEM AQUELES VERSÍCULO QUE DIZ QUE DEUS NÃO FAZ ACEPTÃO DE PESSOAS. SE FIZESSE, A IGREJA TAVA UM POUQUINHO FERRADA, JÁ QUE NÃO TEM NENHUM SANTO ALI DENTRO, NÉ?</p> <p>EU ACHO! EU ACHO...EU ACHO...</p> <p>A SEGUIR, VOCÊS VÃO OUVIR RELATOS DE PESSOAS QUE VÃO CONTAR AS SUAS EXPERIÊNCIAS. PRA COMEÇAR, PEDI QUE CONTASSEM PELO MENOS UM POUCO DAS SUAS VIVÊNCIAS DENTRO DA IGREJA E TUDO QUE PASSARAM NESSES LUGARES.</p>
---	--

<p>Sonora Jéssica Diniz 3'23" - 4'45"</p> <p><b>OFF 2</b> <b>MATEUS SANTOS</b> retoma som ambiente</p> <p>pausa som ambiente</p> <p>retoma som ambiente</p>	<p>MEU NOME É JÉSSICA...TER QUE OUVIR QUE A GENTE TEM QUE NEGAR PRO UM SENTIMENTO PRO RESTO DA VIDA SÓ PRA SER ACEITO.</p> <p>É DOLORIDO MESMO GALERA. SE ENCAIXAR EM UM PADRÃO QUE A IGREJA ACHA CERTO, DÓI DEMAIS. INFELIZMENTE NÃO PODEMOS SIMPLEMENTE ESCOLHER NÃO SENTIR ISSO. QUEM ME DERA ACORDAR UM DIA E FALAR:</p> <p>HOJE VOU SER BEM HETERO!</p> <p>NÃO DÁ! NÃO DÁ.</p> <p>BOM, TEM MAIS HISTÓRIA VINDO AÍ. ESCUTA SÓ O RELATO DA LARISSA</p>
<p>Sonora Larissa Silva 5'12" - 6'07"</p> <p><b>OFF 3</b> <b>MATEUS SANTOS</b> retoma som ambiente</p> <p>pausa som ambiente</p>	<p>MEU NOME É LARISSA FERREIRA SILVA...SE EU CONVERSAR COM OUTRAS MENINAS, AS PESSOAS VÃO VER POR OUTRO LADO</p> <p>EU ENTENDO A LARISSA PERFEITAMENTE! NÃO PODIA ANDAR TANTO COM OS HOMENS. DAVA PRA VER QUE ELES TINHAM CERTO RECEIO DE FICAR PERTO DE MIM. SERÁ QUE ELES ACHAVAM QUE EU IA DAR EM CIMA DELES EM ALGUM MOMENTO? DEUS QUE ME LIVRE E GUARDE E TAMBÉM, NÃO PODIA FICAR PERTO DEMAIS DAS MENINAS, PORQUE SE NÃO, FICAVA AFEMINADO DEMAIS.</p> <p>É MOLE?</p>

<p>retoma som ambiente</p> <p>Sonora Felipe Santos 6'33" - 8'04"</p> <p><b>OFF 4</b> <b>MATEUS SANTOS</b> retoma som ambiente</p> <p>Sonora Victor Rangel 8'31" - 9'06"</p>	<p>AIAI...FICA AÍ QUE O FELIPE VAI CONTAR A HISTÓRIA DELE.</p> <p>MEU NOME É FELIPE...PORQUE JESUS ELES NOS ENSINA QUE DEVEMOS AMAR UNS AOS OUTROS. SEM JULGAR E SEM JOGAR PEDRA. ENTÃO, PRA MIM É ISSO.</p> <p>GENTE DO CÉU! ACHO QUE FOI A PRIMEIRA VEZ QUE OUVI ISSO DE ALGUÉM. "A BISEXUALIDADE ME APROXIMOU DE DEUS". CÊS TEM NOÇÃO DISSO? PRA ALGUNS A SEXUALIDADE É PECADO, AFASTA A PESSOA DE DEUS E PRA OUTRAS, SER DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ APROXIMA ELAS DE DEUS, JÁ QUE NÃO EXISTE MÁSCARAS. LINDO DEMAIS NÉ? EU AMO! EU AMO</p> <p>NÃO ACABOU AINDA NÃO, TÁ BOM? O VICTOR TAMBÉM VAI TRAZER O RELATO DELE</p> <p>MEU NOME É VITOR, TENHO 31 ANOS...LEMBRO QUE A GENTE TAVA NO REVISÃO DE VIDAS...</p>
---	--



**OFF 5**  
**MATEUS SANTOS**  
 retoma som ambiente

Sonora Victor Rangel  
 9'23" - 10'22"

**OFF 6**  
**MATEUS SANTOS**  
 retoma som ambiente

pausa som ambiente

retoma som ambiente

PRA QUEM NÃO SABE - REVISÃO DE VIDAS É UM RETIRO ESPIRITUAL QUE AS PESSOAS FICAM LÁ UM FINAL DE SEMANA TER UM "ENCONTRO COM DEUS". LÁ VOCÊ FICA ESCUTANDO PALAVRAS TEMÁTICAS, COM O OBJETIVO DE CURAR TODOS OS SEUS TRAUMAS, TRISTEZAS E TE FAZER CONHECER O AMOR DE DEUS. JÁ FUI E CHOREI COMO SE NÃO HOUVESSE AMANHÃ.

E AÍ ELE CHEGOU PRA MIM E FALOU ASSIM...EU QUERIA TANTO PODER CANTAR UM LOUVOR UM DIA. NÃO. NÃO VOU PODER.

LOUCURA NÉ? REALMENTE SE ALGUÉM DA COMUNIDADE ENTRAR EM ALGUMA IGREJA HOJE, ANTES DE FAZER QUALQUER COISA, OU VOCÊ MUDA SUA VIDA, OU VOCÊ TEM QUE MOSTRAR QUE NÃO ESTÁ PRATICANDO SEU "PECADO". A GENTE SÓ QUERIA ADORAR, SABE? SÓ QUERIA SERVIR, DAR UMA PALAVRA, CANTAR UM LOUVOR

LGBT GOSTA DE UM LOUVOR

JÁ SE IDENTIFICOU COM ALGUMA DESSAS HISTÓRIAS? EU JÁ. SÓ COM TODAS (RISOS)

SE VOCÊ AINDA NÃO SE VIU NESSES RELATOS, FICA MAL NÃO QUE TALVEZ A PRÓXIMA HISTÓRIA PODE SER COMO A

Sonora Wesley  
10'55" - 13'45"

**OFF 7**  
**MATEUS SANTOS**  
retoma som ambiente

SUA.

EU SOU WESLEY, TENHO 19 ANOS...VIM NO MUNDO DESSE JEITO. ENTÃO VAMO EMBORA, VAMO EMBORA! SEGUIR A VIDA E É ISSO AÍ CARA.

AI WESLEY! EU AMO!  
ELE TÁ CERTÍSSIMO NÉ?! QUEM SOMOS NÓS PRA BUSCAR UMA LIBERTAÇÃO DE ALGO QUE NÃO ESTÁ PRESO OU UMA CURA PRA QUEM NEM TÁ DOENTE? CÊS TÃO SABENDO DA TAL "CURA GAY" QUE CHEGOU NOS NOTICIÁRIOS HÁ UNS ANOS ATRÁS NÉ.

PRA QUEM NÃO SABE A CURA GAY É UM PROJETO CRIADO PELO DEPUTADO JOÃO CAMPOS DO PSDB DE GOIÁS EM 2013 E RECEBEU O NOME DE CURA GAY.

ELE TRAMITOU NA CAMARA DOS REUTADOS COMO PROJETO DE DECRETO LEGISTALTIVO, QUE BUSCAVA O TRATAMENTO DA HOMOSSEXUALIDADE.

COM ISSO, MUITAS IGREJAS ADOTARAM O TERMO, DANDO AOS RELIGIOSOS A POSSIBILIDADE DE UMA POSSÍVEL CURA GAY PARA AQUELES QUE NÃO CONSEGUIAM CONVIVER LONGE DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS.

O DECRETO LEGISLATVO, DO DEPUTADO JOAO CAMPOS, TRAZ EM SUA EMENTA A POSSIBILIDADE DE VISUALIZAR A HOMOSSEXUALIDADE



**OFF 9**  
**MATEUS SANTOS**  
 retoma som ambiente

Sonora Jéssica Diniz  
 16'51" - 17'40"

Sonora Larissa  
 17'41" - 17'50"

Sonora Victor  
 17'51" - 18'35"

**OFF 10**  
**MATEUS SANTOS**  
 retoma som ambiente

CHIQUE NÉ?! EU ACHEI CHIQUE  
 DEMAIS!

É BEM LEGAL OUVIR TUDO ISSO E VER  
 QUE EM CADA RELATO, AINDA QUE  
 PAREÇA O MESMO, CADA HISTÓRIA  
 TEM A SUA MARCA.

DEPOIS DE SABER UM POUCO DA VIDA  
 DESSES ENTREVISTADOS, EU FIZ UMA  
 PEQUENA PERGUNTINHA PARA  
 AQUELES QUE DECIDIRAM SABER  
 DAQUELES QUE DECIDIRAM SAIR.

VOCÊ SENTE FALTA DA IGREJA? OLHA,  
 NO COMEÇO EU SENTIA BASTANTE...NO  
 COMEÇO EU SENTIA BASTANTE FALTA,  
 AGORA NÃO TANTO.

EU QUERIA ESTA ALI NO AMBIENTE DE  
 ADORAÇÃO...EU NÃO CONSIGO MAIS  
 ESTAR LÁ.

HOJE EU CONSIDERO QUE SIM...E HOJE  
 EU NÃO TENHO FREQUENTADO. ATÉ  
 PRECISO IR. TRISTE.

DÁ UM APERTO NO PEITO OUVIR ESSAS  
 COISINHAS NÉ? BOM, SE VOCÊ FAZ

<p>Sonora Caio 19'29" - 20'19</p> <p>Sonora Felipe 20'20" - 20'45</p>	<p>PARTE DE UMA IGREJA, SEJA ELA TRADICIONAL, CONTEMPORÂNEA, INCLUSIVA OU NÃO, FICA AÍ O ALERTA EM FORMA DE PALAVRAS. ACHO QUE A GRANDE MAIORIA DAQUELES QUE JÁ PASSARAM PELA IGREJA, SENTEM A MESMA COISA. A SAUDADE FICA, MAS O MEDO DE VOLTAR, SABENDO QUE NÃO HOVE MUDANÇA OU QUE NÃO TEM NINGUÉM BUSCANDO MUDAR SEU MODO DE TRATAR UM LGBT+ QUE ENTRA NA SUA IGREJA, É BEEEM MAIOR. TALVEZ VOCÊ NEM LEMBRA DISSO, MAS A CRUZ FOI PRA TODOS. OU EU TÔ ENGANADO???</p> <p>DEIXA CADA UM VIVER A SUA VIDA EM PAZ, DA MANEIRA QUE ACHAR MELHOR E AÍ, QUANDO CHEGAR O TÃO TEMIDO JUÍZO FINAL, DEIXA DEUS DECIDIR QUAL VAI SER O NOSSO DESTINO. BELEZA?</p> <p>BOM, VOCÊ QUE CHEGOU ATÉ AQUI, VIVEU UMA EXPERIÊNCIA COM DEUS E SE IDENTIFICOU COM ALGUMA DESSAS HISTÓRIAS O FELIPE, O CAIO E O WESLEY, QUE DECIDIRAM PERMANECER DIANTE DE TODO ESSE PRECONCEITO, TEM UM RECADINHO PRA VOCÊS...</p> <p>O PRIMEIRO PONTO É QUE...É O QUE TE COMPLEMENTA ALI, ALÉM DO QUE VOCÊ ESTÁ ESTUDANDO DENTRO DO SEU QUARTO.</p> <p>GENTE, VAMOS VOLTAR...É O QUE EU PENSO NÉ.</p>
---	---

Sonora Wesley  
20'47" - 21'44

**OFF 11**  
**MATEUS SANTOS**  
retoma som ambiente

NÃO SAIA DA IGREJA PELO AMOR DE DEUS...VOCÊ É FILHA TAMBÉM, PELO AMOR DE DEUS. ENTENDA.

EU PARTICULARMENTE ACHO QUE É TUDO SOBRE ISSO. NÓS TAMBÉM TEMOS NOSSOS DIREITOS, NÓS TAMBÉM TEMOS NOSSAS RESPONSABILIDADES, NOSSOS PROBLEMAS, TEMOS OS NOSSOS SONHOS. E TALVEZ O SONHO DE UM LGBT QUE ESTÁ VIVENDO POR AÍ, É VOLTAR PARA A IGREJA, É VOLTAR PARA DEUS.

É VIVER UMA VIDA COM A SUA FÉ, SEM BARREIRAS, SEM QUE NINGUÉM O IMPEÇA DE QUE DE FAZER AQUILO QUE ELE DESEJA FAZER PRA DEUS. INDEPENDENTE DE QUEM ELE SEJA, INDEPENDENTE DA SUA BANDEIRA, INDEPENDENTE DA SUA SEXUALIDADE, INDEPENDENTE DA SUA IDENTIDADE DE GÊNERO.

VALE LEMBRAR MAIS UMA VEZ O QUE EU ACABEI DE DIZER, PRA QUEM ACREDITA, QUE JESUS ELE DESCEU A TERRA, ELE VIVEU AQUI, ANDOU NO MEIO DA MULTIDÃO, NO MEIO DO POVO, NO MEIO DOS PECADORES, NO MEIO DOS EXCLUÍDOS.

ELE NÃO MORREU SOMENTE PELA FAMÍLIA TRADICIONAL BRASILEIRA. ELE MORREU POR TODOS. ELE MORREU

PELO LGBT, MORREU PELO NEGRO, MORREU PELO TRANSSEXUAL, ELE MORREU POR TODOS.

ENTÃO NÃO CABE A VOCÊ QUE ESTÁ DENTRO DE UMA IGREJA HOJE, APONTAR O DEDO NA MINHA CARA E DIZER QUEM EU DEVO SER, O QUE EU DEVO FAZER, PARA QUE UM DIA, QUEM SABE, DEUS ME ACEITE DA MANEIRA QUE VOCÊ QUER.

TALVEZ ELE ME ACEITA DESSE JEITO. E AQUELE RELATO QUE TÁ LÁ NO INÍCIO DESSE PODCAST PODE SER MUITO REAL. QUANDO NÓS ESTIVERMOS LÁ NO JUÍZO FINAL, DEUS VIRAR PRA VOCÊS E FALAR ASSIM: VOCÊS FIZERAM TUDO ERRADO.

ENTÃO VAMOS REPENSAR NOSSO MODO DE AGIR DIANTE DE ALGUÉM DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+. NÓS SOMOS IMPORTANTES, NÓS SOMOS ESPECIAIS. NÃO SÓ PARA O MUNDO, NÃO SÓ PARA NÓS MESMOS, PARA NOSSAS FAMÍLIAS, MAS TAMBÉM PARA DEUS.

ENFIM...

NÓ, FOI QUASE UMA PREGAÇÃO. MEU DEUS. AIAI... O PODCAST ACABOU GENTE. QUEM SABE UM DIA EU VOLTO. OU NÃO. A GENTE SE ENCONTRA POR AÍ. UM BEIJO E ATÉ MAIS, ATÉ LOGO OU ADEUS.

**Roda Vinheta**

Música Zeus | Gigante no Mic | Nocivo Shomon | Fabio Brazza - A divina comédia

<b>OFF 13</b> <b>MATEUS SANTOS</b>	<p>O PODCAST "SE DEUS É POR NÓS, PORQUE VOCÊS SÃO CONTRA NÓS?" É UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA GRADUAÇÃO EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR EVANDRO MEDEIROS. AS ENTREVISTAS, OS ROTEIROS E A EDIÇÃO DOS MATERIAIS FORAM REALIZADAS POR MIM, MATEUS SANTOS.</p> <p>A MÚSICA UTILIZADA DURANTE ESSE PODCAST É DA DIVINA COMÉDIA CHAMADA ZEUS. CANTADA POR GIGANTE DO MIC, NOCIVO SHOMON, FABIO BRAZA. COM PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE ANA BEATRIZ AZEVEDO E DIREÇÃO GERAL DE LÉO CUNHA</p>



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percorrer deste trabalho, pude perceber que as informações ditas anteriormente são bem reais. Os que eram chamados de minoria, hoje somos muitos e estamos ocupando grandes espaços. Entre todos os lugares visitados e frequentados pela comunidade LGBTQ+, temos a igreja, que outrora poderíamos dizer o quanto nossa presença era improvável. Realmente, é possível que esses dois mundos se entrelacem sem que seja necessário criar uma barreira. Afinal, estamos falando de uma mesma fé. Mesmo assim, é notório a necessidade de se criar espaços como igrejas contemporâneas, inclusivas ou não, para que a liberdade seja experimentada e sentida da forma mais correta possível. Tais igrejas inclusivas fazem com que pessoas da comunidade se sintam aceitas e possam de fato exercer a sua fé cristã, sem aquela sensação de ser “anormais” em um ambiente tão contaminado pelas regras impostas por quem os lidera.

Através disso, produzir um podcast sobre a vivência de pessoas LGBTQs dentro da igreja evangélica foi um processo bem desafiador em vários aspectos. Primeiro, por esse tema ser bem problematizado dentro e fora das congregações religiosas. Segundo, porque esse tema remete a minha própria vida e é muito complicado falar dos meus traumas do passado que foram marcados por um lugar que eu me sentia bem, me sentia amado, me sentia útil, por causa de pessoas que não conseguem simplesmente te aceitar da forma que está e necessitam realizar uma mudança, uma libertação e até mesmo uma falsa cura, só pra mudar quem você é. E terceiro, foi muito complicado ouvir alguns relatos e ver no olhar das pessoas que a igreja decepcionou muita gente. É triste.

Em relação ao produto escolhido, o podcast, sinto que foi um trabalho bem elaborado, junto com meu orientador Evandro. Gravar, roteirizar, editar, escolher trilhas e ouvir as histórias contadas várias e várias vezes, me fez entender de fato o porquê escolhi jornalismo. O desejo de mudar perspectivas e dar voz a quem precisa ou necessita se expressar de alguma forma, é um prazer para mim.

Por fim, após ouvir tantas histórias e ver o que essas pessoas passaram para permanecer na fé e no amor a Deus, sinto que há muito o que fazer. Que a cura da homofobia cristã venha. Que venha depressa. Tem pessoas com saudade e nada melhor de lutar por um espaço que, querendo ou não, faz alguns se sentirem bem, felizes e amados. Não pelas pessoas, mas por Deus.

## REFERÊNCIAS

ABRATEL. **Consumo de rádio aumentou e alcança 80% dos brasileiros.** Kantar Ibope Media. 05 out. 2021. Disponível em: <https://abratel.org.br/noticias/consumo-de-radio-aumentou-e-alcanca-80-dos-brasileiros/>. Acesso em: 28 fev 2023

A MULHER da casa abandonada. Locução de: Chico Felitti. São Paulo: Folha de S.Paulo, 8 jun. 2022. Podcast (40 min). Disponível em: <https://deezer.page.link/1Dz4FRUXKYoF1o4s5>. Acesso em: 20 fev. 2023

ALVES, Rafael. **Me Leva pra Casa - Israel Subirá (no VIOLÃO Fingerstyle).** Youtube, 02 ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=URXIoYZcaK0>. Acesso em 12 mar. 2023.

BATISTA, Roberta. **Pastor que disse orar pela morte de Paulo Gustavo é condenado à prisão, mas tem pena convertida.** Portal G1. Alagoas, 27 de abril de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2022/04/27/justica-de-alagoas-condena-pastor-que-disse-orar-pela-morte-de-paulo-gustavo.ghtml>. Acesso em: 14 de abril de 2022

**BÍBLIA, A.T. Antigo e Novo Testamento.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BRASIL. Decreto-lei PCD 231/11, de 2 de junho de 2011. **Projeto arquivado sobre tratamento da homossexualidade.** Relator: Deputado João Campos. Edição Federal, Pierre Triboli. São Paulo. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/408511-deputado-apresenta-novo-projeto-sobre-tratamento-de-gays/>. Acesso em: 20 maio 2022.

BORDALO, Júnior Moreira. **Justiça condena por homofobia pastor que orou pela morte de Paulo Gustavo.** Portal Terra, 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/justica-condena-por-homofobia-pastor-que-orou-pela-morte-de-paulo-gustavo,43742deea07cf9400dfdd3d99c8a87c2tbw6edmx.html>. Acesso em: 5 de maio de 2022

BOX, Rap. **Zeus | Gigante no Mic | Nocivo Shomon | Fabio Brazza - A divina comédia.** Youtube, 21 mai. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ns0D6ZX8AYg>. Acesso em 04 mar. 2023.

CARDOSO, Priscila. **O Brasil é o país que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIA+ no mundo.** Agência de Notícias das Favelas, Paraíba, 14 de set. 2021. Disponível em: <https://www.anf.org.br/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-da-comunidade-lgbtqia-no-mundo/>. Acesso em: 14 de abril de 2022

COMUNICAÇÃO CNS. **Amanhã (17) será celebrado o Dia Internacional contra a homofobia. Veja abaixo o manifesto da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (ABGLT).** Conselho Regional de Saúde, 16 mai. 2014. Disponível

em: [http://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2014/05mai\\_16\\_lgbt.html](http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2014/05mai_16_lgbt.html). Acesso em: 22 de abril de 2022

CORREA, Tânia Regina Stenert. **O Fascínio da Radionovela no Rio Grande do Sul 1940**. 2014

DETONI, Márcia. **O Documentário no Rádio: Desenvolvimento Histórico e Tendências Atuais**. 2018

DIAS, Pâmela. **Brasil teve 300 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ em 2021, aponta relatório**. Portal Extra Globo, 25 de fev. 2022. Notícias. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/brasil-teve-300-mortes-violentas-de-pessoas-lgbtqia-e-m-2021-aponta-relatorio-rv1-1-25411201.html>. Acesso em: 15 de abril 2022

JESUS, Fátima Weiss. **Igrejas Inclusivas em Perspectiva comparada: “Da Inclusão Radical” ao “Mover Apostólico”**. 2017.

JOSÉ, Carmen Lúcia. **Estruturas do Documentário Radiofônico: Padrão e Desviante**. 2017

JURKEWICZ, Regina Soares. **Cristianismo e Homossexualidade**. in: Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades. Editora Garamond LTDA. 2017.

LELLES, Ana Paula. **A vida das mulheres trans e travestis nas ruas de BH**. Estado de Minas, 2022. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/03/28/interna\\_gerais,1355829/a-vida-das-mulheres-trans-e-travestis-nas-ruas-de-bh.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/03/28/interna_gerais,1355829/a-vida-das-mulheres-trans-e-travestis-nas-ruas-de-bh.shtml). Acesso em: 22 de abril de 2022

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS, 2010. Anais [...]. Caxias do Sul: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p. 01-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>. Acesso em: 08 de Maio de 2023.

MACEDO, Luis. **Câmara arquiva projeto sobre tratamento da homossexualidade**. Câmara dos Deputados, Brasília, 02 de julho de 2013. Notícias. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/408434-camara-arquiva-projeto-sobre-tratamento-da-homossexualidade/>. Acesso em: 24 de abril de 2022

MINIMANUAL do Jornalismo Humanizado. Think Olga, 2017. Disponível em: [https://thinkolga.com/wp-content/uploads/2020/04/ThinkOlga\\_Minimanual\\_Parte\\_V\\_LGBT.pdf](https://thinkolga.com/wp-content/uploads/2020/04/ThinkOlga_Minimanual_Parte_V_LGBT.pdf). Acesso em: 29 de março 2022

MOREIRA, Rita. **Temporada de Caça**. São Paulo, 1988. Youtube, 16 de junho de 2012. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=rjan\\_Yd0C5g](https://www.youtube.com/watch?v=rjan_Yd0C5g). Acesso em: 6 de junho de 2022

MUSSKOPF, André. **A Teologia que sai do armário - um depoimento teológico**. Impulso: Piracicaba, 2003

NACIONAL, Jornal. **Denúncias contra homofobia na internet crescem 106% nos primeiros seis meses de 2021**. Portal G1, 17 de junho de 2021. Economia, Tecnologia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/06/17/denuncias-contrahomofobia-na-internet-crescem-106percent-nos-primeiros-seis-meses-de-2021.ghtml>. Acesso em: 24 de abril 2022

NATIVIDADE, Marcelo. **Uma Homossexualidade Santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal**. São Paulo. 2010.

OLIVEIRA, Cláudia Nascimento. **A Experiência de Deus: A Ação Salvífica de Deus e o Agir Humano na Perspectiva de Karl Rahner**. Rio de Janeiro. PUC/RIO, 2011

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva Serra de. **A prática da violência no campo religioso brasileiro**. Goiânia. PUC/Goiânia, 2011

QUEBRANDO o Tabu. **Brasil 1980**. São Paulo, 05 de out. 2018. Facebook: QuebrandoOTabu. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=308710306395582>. Acesso em: 22 de Maio de 2022

Redação RBA. **Mortes violentas de LGBT+ cresceram em 2021 e atingiram pelo menos 300 pessoas**. Rede Brasil Atual, 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2022/02/mortes-violentas-lgbt-cresceram-2021>. Acesso em: 28 de maio de 2022

RIBEIRO, Laura Moraes; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos**. Porto Alegre: Uberaba, 2017

SILVA, J. D. A.; OLIVEIRA, D. L. **Audiodocumentário no cenário podcasting: por um rádio independente e de caráter social**. *Radiofonias* — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 182-199, jul./dez. 2020.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. **Vivendo no front: discursos acionados por sujeitos na fronteira entre perspectivas LGBTs e evangélicas**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2015